OS FONTELES DAS ÁGUAS LIVRES

ORATIVA
ÁRIO DE
O FONTELES

• 1994

JOSÉ C. FONTELES

E
29.2
682f
049538
L0000049564
. 1

F 682f Fonteles, José Cavalcante
Os Fonteles das Águas Livres (Ensaio Genealógico) / José Cavalcante Fonteles.
Fortaleza: Encaixe, 1994.
64p. il.
1. Fonteles-genealogia. 2. Genealogia.
I. Título.

CDD 929.2

OS FONTELES DAS ÁGUAS LIVRES

A CASA DA FAZENDA ÁGUAS LIVRES

À Biblioteca Menezes Pimentel,
centenária casa de Cultura, na esteira
luminosa de seu patrono maior,
o grande filho de Stª Quitéria,
a quem o Ceará tanto deve
o autor (consulente desde 1966)
José C. Fonteles

JOSÉ C. FONTELES

CE
929.2
F682f
ex.1
Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel
54124/84
FUNDADA EM 1867
FORTALEZA
Estado do Ceará
t.049538/2004

Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel
Estado do Ceará

ÍNDICE

1 -	O PORQUE DESTE PROJETO	5
2 -	METODOLOGIA, CONVENÇÕES E ABREVIATURA	7
3 -	O MUNICÍPIO DE SANTANA	8
4 -	A FAZENDA ÁGUAS LIVRES	11
5 -	A CASA CONSTRUÍDA SOBRE A ROCHA	13
6 -	A FAMÍLIA AVELINO FONTELES	18
7 -	A FAMÍLIA AVELINO FONTELES (Ensaio Genealógico)	20
8 -	A FAMÍLIA AVELINO FONTELES (Desconhecimentos e Reconhecenças)	43
9 -	O PÁRVULO RAIMUNDO	45
10 -	NA IBIAPABA	48
11 -	ANTÔNIO, O PRECURSOR	51
12 -	FAC CUM SERVIS TUIS SECUNOUM MISERICORDIAM TUAM	57
13 -	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

OS FONTELES DAS ÁGUAS LIVRES
(ENSAIO GENEALÓGICO)

O PORQUÊ DESTE P R O J E T O

Este trabalho tem duas vertentes circunstanciais. A primeira prende-se ao primeiro centenário de nascimento do meu estimável tio, Antonio Avelino Fonteles, comemorado a 28 de novembro de mil novecentos e oitenta e oito. Digo estimável, porque, sem desdouro para os outros, ele se deixava estimar, aliás, fazia-se credor desta estima, pela sua operosa e vigilante preocupação com a família, pela bonomia com que encarava as pessoas e as coisas, mesmo que elas, gentes e fatos, não lhe fossem de todo favoráveis. E antecipando detalhes da sua biografia, páginas adiante, consigno aqui traços de seu temperamento firme na refrega, mas conciliador, quando seu elevado espírito público lhe acenava ser esta melhor atitude para o bem dos concidadãos. Uns seis meses aproximadamente antes da festa, seu filho Majela conversou comigo acerca da oportunidade de se editar algum escrito sobre a figura tão querida do Tio Toinho, para nós uma espécie de nume tutelar da família, destacando ainda sua imagem pública de cidadão e militante político. Lembro que saí do consultório do doutor Majela, no centro de Fortaleza, direto para o Arquivo Público, prédio próximo ali na Pinto Madeira, cheio de disposição a perquirir possíveis pistas, a investigar todas as fontes da pouco documentada história da nossa heráldica cidade de São Benedito, em tempos, sede do município mais importante da Ibiapaba. Mas confesso: meu ceticismo de encontrar alguma coisa era visível, quando o diretor Geraldo Nobre me franqueou a consulta aos livros cartorários de minha comarca natal. Experimentado pesquisador, o douto Geraldo Nobre conhecia a relevância dos documentos notariais para a pesquisa pretendida. Os registros, tanto do Cartório Onias, como da escrivania de David Bastos, não desmereceram a oportuna sugestão do grande historiógrafo cearense. O choque que, totalmente de improviso, me apanhou foi mais de natureza emocional: aquele tio, para os padrões da época, um homem rico, se desfez de parcela considerável dos seus bens, no resguardo de sua honorabilidade política e no interesse maior do progresso de sua terra adotiva. Sem que (e nisto fico de pleno acordo com minha Tia Hilda), até hoje, memória deste singular desprendimento fosse consignada em algum prédio público da cidade, entre

todas, objeto da dedicação do popular Coronel Antonio Avelino (assim o distinguia o afeto do povo, não que de fato ele o fosse, de patente e quartel). Por dever de justiça excepciono a iniciativa efetivada na gestão municipal de Rubens Brandão (67/71) de dedicar-lhe uma rua, cuja placa, se lá perdura, não soube ao certo.

O segundo motivo: No final da década passada (a data exata não me ocorre), fui convidado a um encontro com ilustre e jurisconsulto parente, o ministro do Superior Tribunal de Justiça, Geraldo de Andrade Fonteles, recém-aposentado, propôs-me, no estilo bem humilde e despretensioso dos Fonteles, a oportuníssima (pelo menos para mim) permuta de informações e documentos (cópias) que servissem de subsídios para um ensaio genealógico de seus antepassados, forma também de preencher-lhe o merecido "otium cum dignitate". Incumbi-me para o ministro de pesquisar o que chamamos o "Ramo Avelino" da ubertosa árvore do Clã dos Fonteles. Procuramos resgatar, com um toque de tristeza, pelo tardio da demora, o compromisso; é que, pesaroso, registro seu passamento em janeiro de 94, conforme anunciado só agora em março, me chegou ao conhecimento, através do colega de tribunal, Eduardo Lincoln, esposo da prima do ministro, Graça Fonteles.

É, como dizia meu tio-poeta, Sebastião Eustáquio, na festa dos seus noventa: "Centenários não se comemoram, sem o registo de algumas tristezas". Todos temos as nossas. A falta do ministro Geraldo Fonteles cuja carreira de jurista é tão brilhantemente prosseguida pelo procurador Cláudio, seu filho, nos move a repartir entre nós as pérolas de virtudes que ele definia afetas ao patrimônio moral dos Fonteles: 1) a fidelidade aos amigos: 2) a lealdade à palavra empenhada e 3) o espírito de religiosidade.

Trabalhei neste ensaio com alegria, mas, com uma ponta de frustração, por não poder ofertá-lo, acabado em livro, ao ensejo, genuinamente adequado, dos cem anos de nascimento de um pequeno-grande homem, meu pai, Raimundo Avelino Fonteles. Muitos não ignoram a prioridade conferida por mim, saltando por cima de obstáculos crescentemente dificultosos, à conclusão do curso universitário de graduação em Medicina. Particularmente Majela e o próprio ministro Geraldo não desconhecem o nexo de tamanha pertinácia à saúde precária do meu primogênito Ramon, uma das maiores alegrias da nossa vida, uma daquelas tristezas acima referidas, somente pela míngua atual de recursos na Medicina para tratá-lo,

com acerto, e aos de sua condição.

Acho que, de preferência a estas justas homenagens registradas em letras de forma, alegraria mais aos dois irmãos (Antonio e Raimundo) saber-me alistado, a par do engajamento na pesquisa histórica da família, na batalha a favor dos defraudados na sua integridade cerebral. Para eles já enviei em espírito meu convite de formatura. De propósito bem eu chamei, no começo, estas linhas de projeto. Ainda não estando acabado, mais que aceito, rogo a colaboração das críticas construtivas, dos reparos sobre as muitas lacunas, equívocos e omissões, por certo, presentes. Para este fim, o endereço "Rua Agapito dos Santos, 376/01" e nosso telefone 243.8883 a qualquer hora se presta a essa prioridade. Quanto a mim, não sei se, vivo, meu pai teria incentivado a longuíssima viagem no tempo empreendida com vistas ao seu primeiro centenário. Quase revejo gesto muito seu de menear a cabeça, quotando-a inadequada à sua simplicidade e humildade. Menos ao filho terá de perdoar então ao historiógrafo amador, criado ouvindo as muitas histórias saídas de uma memória privilegiada, com a vantagem de proferidas por lábios rigorosamente imparciais. "Não fale do que você não tem certeza" e "mesmo tendo certeza, pese ao consequências de suas palavras", mais ou menos essas suas expressões, sempre atuais numa terrra em que, no dizer de Prestes, quando não se conhece a verdadeira versão dos fatos, então se inventa uma.

Não que ao historiador seja defeso contextuar sobre vazios históricos. À míngua de provas testemunhais ou documentais, poderá com legitimidade oferecer a opinião que melhor se arrime na lógica da trama dos fatos, desde que escoimada de qualquer preconceito ou sectarismo. Reportamo-nos ao emblema clássico sobre a imaginação: ótima serva, péssima senhora.

E venho de volta também para a mesa do jantar familial, volvo ao lume da privilegiada memória de meu pai, desfiando uma a uma, ante os olhares atentos do seu clã, as patentes, os dignatários da Igreja, do foro, da política, o Major Aureliano, o João Pires, personagens, paisanos e lugares de que se compõem estas Águas Livres, alforriadas por mim bem de junto a primeira morada no Ceará do heptavô, Manuel Ferreira Fonteles, em Buriti Alto (Aquirás), dia de Finados, 1993.

METODOLOGIA, CONVENÇÕES E ABREVIATURAS

O autor procurou espelhar-se na praxe dos genealogistas cearenses

(Raimundo Girão, Padre Sadoc de Araújo, Vasconcelos Arruda e outros) no ordenamento das entradas de verbete.

O mesmo paradigma procurou seguir no emprego de abreviaturas e convenções. Reproduzimos as mais usuais: F-filho; N-neto; Bn-bisneto; Tn-Trineto; Qn-quadrineto ou tetraneto; Pn-pentaneto; Hn-hexaneto e Sn-hepta ou septaneto.

A todas as pessoas que subsidiaram com informações valiosas, consigno aqui meus agradecimentos, de modo especial a ROSA ERONIDES PEREIRA (referenciada no ítem F10) pela exuberância e acerto de registros familiares e a minha mãe, SINHAZINHA FONTELES pelo estímulo que sempre me dá.

Ao colega Waldy Sombra por sugestões na escolha de fotos. Ao Padre José Maria Costa e demais membros da família Sabino Pessoa Costa, pelo apoio emprestado a este projeto. À minha esposa Laurinda e filhos e demais parentes e amigos, pelo incentivo.

O MUNICÍPIO DE SANTANA

Este manuscrito tem quase quatro séculos. Vejamos o que diz das origens santanenses.

"Ao longo vimos um serrote: - Alli, disse o índio - descançareis dos vossos sustos, porque os tapuias não vos perseguirão mais... O Rio Acaracú é uma linha que os divide entre os Arerihús.

- Naquelle serrote assentarão chefes de uma e outra tribu nessa convenção, como entre nós no Rio Camocim: Entre os índios há leis que se cumpre religiosamente.

A esperança começou a renascer nos nossos corações desde aquelle Ribeiro, cuja passagem celebrisamos, comparando-a na nossa peregrinação com a do mar vermelho... Veio-nos a idéia de salvação!

A sofreguidão para alcançar o Serrote indicado animava a comitiva; e o nosso passo era apressado! Ao meio dia chegamos a margem de um outro Ribeiro. Alli parou o índio, dizendo-nos! Eis o Rio Acaracú, ou Rio das Garças, na língua indígena.

Atravessamos aquelle rio, cujas águas, desviando dos montões de areia que havião no leito, abeiravão-se das margens, onde corrião com pequena largura, apenas nos cobrião os pés.

O serrote demorava-se à meia légua daquelle sítio: Seguimos na sua direção offegantes, cheios de emoção!

A uma hora chegamos as suas cerranias...

À esquerda uma cordilheira pedregosa e a direita o Serrote majestosamente se erguia coberto de vicijante floresta! Entrámos entre ambos, n'uma espécie de valle, e passamos-à sua raiz, onde gicantescas árvores entrelaçando as suas frondosas copas formavão, à considerável altura, uma abóbada verdejante derramando sombra e frescura naquelle recinto, cujo pavimento se cobria de um verde e macio tapete de relvas!

Maravilhoso espétaculo! Alli penedia talhava-se precipite do nosso lado, e, na altura de quinze palmos, uma lage sobreposta, destacando-se della, avançada no espaço para nós, meio inclinada, formando um docel original! No fundo, debaixo d'aquella lage, três largas pedras, que perecião servir-lhe de contraforte, sobrepondo-se uma às outras apresentavão dois degraos regularmente dispostos: De um lado, pela fenda de uma rocha, como se alli houvera uma torneira um tubo d'água, com o diâmetro de uma polegada, sahio em jorro, precipitando-se n'uma cavidade, que a natureza caprichosamente fisera na pedra, à imitação de uma Pia!

- A todo apresentava um altar que nos convidava à oração! Ligeira foi a sua contemplação! O quadro sugerio a todos a mesma idéia, e fomos collocar alli as Imagens que traziamos...

Foi então que vimos com sorpreza a de Christo despedaçada!... Sálvara-se, porém, intacta a Imagem da Senhora Sant'Anna, que tinha nos braços a da Santíssima Virgem... E sobre aquelle tosco throno, já ornado de folhas e flores silvestres, a collocámos ajoelhando-nos a seus pés.

Oramos... E naquella hora em que o coração compenetrando-se dos mais puros sentimentos de religiosidade, faria voar o pensamento aos artigos da celestial mansão, prometti àquella Santa em troca dos seus favores, erigir-lhe uma Capella naquella solidão, onde, mais tarde, os fiéis fizessem o seu culto e adoração, sob a denominação de Nossa Senhora Sant'Anna do Olho d'água!... Eis senhores, o voto que hontem fiz, chegando aqui, depois de trinta dias de perigosa viagem!...

Hoje prosseguiremos a nossa jornada, e como não é certo chegarmos ao seu termo, apresso-me a escrever estas linhas que um dia, dadas as minhas provisões, a Providência os fará receber!...

No cumprimento deste voto, se elle me for vedado, obtereis a prote-

ção Divina; e, na sua execução, esquadrinhando o sólo que vos descrevo, colhereis fructos e outros proventos que compensarão vosso trabalho...

Terminada a nossa oração à convite do índio subi ao Monte... Dificilmente chegámos ao seu ponto culminante! Dallli se via ao Norte, os morros de areia da praia na distância de 20 e mais legoas!

Encantador era o painel, que se ostentava aos olhos daquella vastidão, eriçada de um e outro lado por uma cadeia de serrania que se terminava no horizonte! Depois o índio voltando-se ao Poente disse: - Alli, a uma legoa desse morro, mais ao Sul, na margem opposta do Rio Acaracú, um Monte que cobre de pedras pretas, encerra no seu seio uma jazida de prata, cujo pó alvíssimo é abundante... - Os seus productos poderão concorrer para a realização da promessa que fizeste...

E voltando se, finalmente para Leste apontou-la vai o seu caminho... Segue à direita daquellas serras, fugindo às suas immediações...

Elle calou se; beijou-me a mão, e veloz como o gamo, desceu a penedia, escorreu pelos talhados, e sumiu-se sem o menor estrépito!...

Serrote do Olho d'Água
16 de Junho de 1626
Frei Christovão de Lisboa

A Fazenda Águas Livres

A FAZENDA ÁGUAS LIVRES

Situado em princípios do século dezoito, o patrimônio da Senhora Santana, orago da capela do lugar Olho d'Água, compreendia as terras à margem direita do Rio Acaraú onde se acha hoje a acolhedora cidade de Santana do Acaraú.

Doação do padre Antonio Santos Silveira que as adquirira dos herdeiros de Leonardo Sá e Nicolau da Costa Peixoto.

Sobre o sacerdote legatário, os dados são escassos. Padre Francisco Sadoc de Araújo (hexaneto do 1º Fonteles brasileiro), sem dúvida, o principal cronista daqueles sertanejos pagos, refere caber-lhe (ao Pe. Silveira) a iniciativa da construção da capela de Santana, sendo portando o fundador.

Quanto aos dois antigos proprietários daquelas terras ribeirinhas do Acaraú, sabe-se que descendiam de soldados destacados no Forte de Nossa Senhora da Assunção (antigo e, até 1654, *Shoonemborch* dos holandeses, Chunembuque pronunciado). O pai do primeiro obtivera do seu irmão, capitão-mor, Sebastião de Sá, para si e para o colega d'armas, Antonio da Costa Peixoto, sesmarias na região do curso médio do Rio das Garças (ACARACU), em fins do século dezessete, confirmadas a 14.10.1702.

Corria o ano da graça de 1697. Após alguns períodos de secas declaradas ou invernos escassos, uma estação favorável cobria de verdura os ora ressequidos campos do vale do Acaraú. Uma comitiva de cavaleiros refreia às rédeas seus animais. São quatro os circunspectos senhores que, em trote ralentado, percorrem as margens, parecendo incertos da identidade daquele rio que não consta dos seus mapas. Após consultas e confabulações, decidem assinalá-lo: riacho Pacujá. Um século depois, este tributário pela margem esquerda da bacia do Acaraú delimitará o distrito da Lapa que, com o de Meruoca e Santana compõem o entorno da então vila de Sobral.

Guarde o leitor esta digressão que mais tarde será importante quando tratarmos da transmigração da família Avelino Fonteles para a Serra da Ibiapaba. A Lapa, capela sufragânea da paróquia e termo de comarca de São Benedito, começou, na sua época de fastígio, ao lado de Santana do Acaraú, como distrito de Sobral. Naquela época nem se sonhava com beerres, nem com rodovias da confiança. A travessia pela ladeira da Lapa constitui trilha imemorial, o traço de união fisiográfico a ligar a Ibiapaba com o médio e baixo Acaraú, autêntico hífen CE-PI, deitado na vertical.

Os quatro cavaleiros que, em 13 de novembro de 1706, sob a alegação da arriscada expedição ao território dos índios reriús (após a expulsão dos jesuítas, um remanejamento tentará desalojá-los da Serra da Meruoca), solicitam sesmaria ao governador-geral em Pernambuco são os já "terra-tenientes", seis léguas rio abaixo, Leonardo de Sá, Félix da Cunha Linhares, Antonio Marques Leitão e Bento Coelho. A posse, no entanto destas glebas não se deu mansa e pacífica e também não pense o leitor que a contesta provenha de ameaça indígena (como hoje). É que o filho do primeiro sesmeiro, Sebastião de Sá se envolvera em 1732 com uma revolta implicando o ouvidor da Comarca do Ceará Grande, Antonio de Loureiro Medeiros, sendo porisso encarcerado na cadeia da Bahia com sua mulher, onde veio a falecer, titular de numerosas propriedades (sesmarias próprias e herdadas de seu pai Leonardo de Sá). Só que, em virtude da condenação judicial foram, em pena acessória, sequestrados a maior parte dos seus bens, desmotivando os seus herdeiros, Antonio de Sá e Sebastião Sá Junior, a reclamar-lhe a posse em juízo.

Curioso constatar que a fazenda Águas Livres, situada a três quilômetros da sede paroquial atualmente, não parecia integrar o patrimônio inicial da capela erigida em 1737. Resta trabalhar com a hipótese de o capelão Antonio Silveira, ante a iminência de lide por aquisição temerária de terras "sub judice" para o patrimônio da capela do Olho d'Água de Sant'Anna, ter conseguido com os herdeiros transmitentes uma permuta pela fazenda das Águas Livres. Mas isso são apenas impressões especulativas que necessitam de melhor aprofundamento. O que é certo é que até a morte do patriarca Joaquim (Seu Avelino) em 1936, a casa grande arrodeada das glebas circunvizinhas eram propriedade da paróquia de Santana, até que o mais velho dos herdeiros (Vicente Avelino, F-2) adquiriu-a por compra.

A Casa Construída sobre a Rocha

A CASA CONSTRUÍDA SOBRE A ROCHA

Foi só a 25 de janeiro deste ano de noventa e quatro que vim a conhecer os únicos irmãos vivos de meu pai: Tia Maria e Tio Joaquim. Nosso contato não foi muito demorado, mas de saída, me vieram à mente aquelas características fundamentais que o ministro Geraldo Fonteles definiu como as pérolas das virtudes fontelícias: a dedicação, a lealdade. Só estava em dúvida se o tio Joaquim era também religioso como os outros, fato que, com o testemunho da Tia Clarrise, constatei ao ouví-lo afirmar que, toda noite, só dormia depois de rezar por todos os parentes. Com essa imensa parentela de 32 irmãos não deve ser fácil ao tio a tarefa de conciliar o sono pelo menos antes da meia noite. Outro, testemunho precioso de tio Joaquim: sua ida para São Benedito, rapazote, na década de vinte, trabalhando na loja de meu pai, morava em casa do Tio Alberto, marido da sua irmã Naninha (Ana Alice). Na ótica do menino de então, a reviravolta política ensejada pelo enfrentamento de antiga oligarquia beneditense, desafiada pelo autêntico "condottiere" Antonio Avelino e secundada pelos outros irmãos, grupo obviamente não simpático aos adversários "marretas"que em tom de

menoscabo o denominavam " avelinório". A Revolução de 30 desmobilizou em parte estes acirramentos, pelo desgosto inicial e desprestígios aos políticos tradicionais (chamados de "carcomidos), forçando recomposições e conchavos.

Cotejei as fotos de casa grande da fazenda, com as palavras do meu tio Joaquim: - "Quando eu era menino, meu pai dizia que a casa das Águas Livres já tinha mais de cem anos". Meu irmão Hider descobriu inscrições de datas de casamento no beiral dos caibros, datando-os de 1829. O cercado fronteiro aparece nas fotos com o imenso pedregulho que mostro na capa em segundo plano. Nesta mesma tarde de 25.1.94, eu vi, por trás da casa, os alicerces cavados na rocha bruta, aparecendo de fora da terra, como um fóssil vivo. Meu pensamento voou direto para os Evangelhos: A casa construída sobre a rocha, não há força que a destrua. Vem a tempestade, vem o vendaval, e ela continua lá, firme, desafiando os tempos.

Mas se os alicerces mereceriam o aval de qualquer construtor moderno, o mesmo não se pode dizer do caimento das águas. Angulosas, autênticas ponteiras implorando a clemência dos céus, as empenas das Águas Livres (Aguárlivre, na pronúncia carregada, entredouro - minhota de seus primitivos situantes) atrairiam a pecha de verdadeiros "cestos" no inverno, dispondo de um único lugar seguro para se passar chuva: debaixo das mesas. Mas estas já se achavam ocupadas pelo bando de crianças pequenas, mais espertas e mais sensíveis ao frio das águas. Terá sido em vingança que esses adultos, acossados pelas intempéries, brindaram os "curumins" de pouco esmerada higiene com apelido que só em francês fica publicável: "*culs chiés*". Convocando os homens grados para reunião na casa paroquial de São Benedito, Monsenhor Sabino, conferia as presenças: Fulano? - Presente. Sicrano? - Presente. Antonio Avelino? - Brasileiro nato, tentou brincar meu tio. - Então, você não se envergonha, Antonio, de ser brasileiro? Ante a indecisão do interlocutor, disparou: - Vocês só se envergonham mesmo daquele apelidozinho lá de Santana.

Com o advento da duchinha, o apelido parece superado.

Cá, no meu modesto entender, penso que a pressão demográfica interna na pouco acolhedora casa das Águas Livres deve ter jogado papel preponderante na emigração de levas de rapazolas (quase meninos) Fonteles para outros pagos. Com a palavra uma testemunha da época, tio Sebastião Eustáquio.

"Antes do casamento, Maria me convidou para fazer uma visita ao seu pai, que morava na fazenda "Águas Livres", em Santana do Acaraú, chegando lá, encontrei uma casa de fazenda de muitas janelas e portas na frente, de calçada alta, com quatro batentes. Na nossa chegada, que foi ao escurecer, encontramos pessoas de diversos tipos: pois, lá residiam pessoas do 1º casamento, do 2º casamento e do 3º casamento; o seu pai havia casado 3 vezes.

No dia do casamento, acordei cedo, com o barulho dos utensílios para tirarem o leite das vacas, que eram, 67 vacas; e como eu não dormia mais, naquele dia, fui observar o trabalho da ordenha, achando muito bonito e admirado pelo trabalho. Nesta ocasião, se apresentou o encarregado da fazenda, e presenciando que eu estava ali, e teve conhecimento que eu ia entrar na família, dirigiu-se a mim, dizendo que eu tinha uma vaca reservada, para tirar o leite mais tarde, e que eu podia dormir um pouco mais, para saborear o leite da mesma.

Depois do café, as irmãs de Maria, opinavam que eu fosse apresentado ao seu pai, fazer o pedido da mão da Maria em casamento, dizendo que eu era sobrinho e afilhado da mãe da Maria, por conseguinte, primo legítimo:

O pai da Maria, Joaquim Avelino Fonteles, declarou que eu sendo sobrinho, e tendo como madrinha a mãe da Maria, que futuramente seria minha sogra, só podia dar com muito gosto, a mão de sua filha.

Quando eu o abracei, com agradecimento, o sr. Avelino me fez uma declaração que eu achei inoportuna: dizia ele: "Meu filho, eu quero lhe adiantar que no curral tem 67 vacas; destas vacas, só me pertence uma só. "Isso que ele dissse, provocou risos entre os presentes.

No dia seguinte, pela manhã; minha madrinha, minha tia e minha futura sogra, me aconselhou que eu desses uma voltas, pelas outras fazendas, chamando logo um empregado, para preparar com arreios e sela uma burra, que tinha o nome de "Bicicleta".

Ao sair para o passeio minha madrinha me aconselhou para levar um saco. E como eu não sabia, para que fosse utilizado, ela responde: que naquela redondeza se se apresentava uma pessoa desconhecida e era de obrigação, aonde chegasse receber um presente de um queijo. Acontecendo, que em uma das casas que eu visitei, ao me despedir, o dono da casa mandou que eu esperasse: Quando ele voltou, declarou: que no momento não

tinha queijo pronto para oferecer-me e em seguida trepou-se numa cadeira para tirar de um saco que estava pendurado no caibro da casa, dizendo: Como não tenho um queijo para lhe presentear, você não sairá sem presente. Então, retirou do saco **duas moedas do tempo do Império**, que valia, naquele tempo, "dois mil réis", cujas pratas dei de presente à minha segunda esposa, Pedrina".

Das narrativas dos longos serões familiares, três merecem especial registro por tematizarem acontecimentos transcorridos ainda no século dezenove. Pela ordem, o casamento do major Aureliano reponta o mais antigo, mais ou menos, contemporâneo ao primeiro dos quatro consórcios de meu avô: 1870. Por essa época, os pais tratavam tudo, não cabendo aos noivos dar opinião em nada, só assentir às resoluções paternas. Por especial concessão, o que certamente se encarou como liberalidade, permitiu-se ao major noivo uma 1ª e furtiva apresentação à sua futura (para daí a alguns dias) consorte, assim mesmo devidamente escoltada por duas *demoiselles d'honneur*. Açafatadas de branco, da cabeça aos pés, lá se assentou o trio a regulamentar distância da porta por onde, titubeante, sem saber a qual delas se dirigir, assomou o noivo. Bons dias dados, bons dias correspondidos, o pagem do major testou um estratagema verbal para contornar o enleante silêncio que se seguiu: - Todas três são muito bonitas, mas a do Major Aureliano é mais ainda, declaração que fez sorrir a indigitada. Sorriso-senha para, ato contínuo, o nubente fazer-lhe entrega de riquíssimo presente, quebrando o gelo, que mulheres não economizam comentários, em se tratando de mimos ou regalos recebidos.

2. Novecentos, ponto final do século, foi uma seca. Novenas, procissões, terços nada parecia aplacar a indiferença dos céus para com o transcurso do século das luzes. Ao compasso de outro gesto personalíssimo, de franzir e desfranzir a toalha de mesa, meu pai narra os lances trágicos (aqui bem no sentido etimológico) da morte de um cabrito no vão da cerca da casa grande das Águas Livres. Na versão grandiloquente do menino de seis anos, confundem-se os berros do animalzinho com os próprios gemidos do século agonizante.

3. A última foi um sonho, aliás, misto de aparição e sonho. E confesso, mesmo restrito à gestualística paterna, tenho dificuldade em reproduzi-lo. Sei bem que tratava-se de um certo Pai Dindim, entrevisto pelo menino, cuja mãe, órfã recente embalava sua rede, ao deitar-lhe a benção. Meu preceptor de análise não me perdoaria omitir uma interpretação no entrecho orfanatício. Preferi socorrer-me mais uma vez da Cronologia Sobralense do Padre Francisco Sadoc Araújo, para desvendar a identidade deste sonho-aparição. Lá aparecem duas figuras analogáveis: Diogo Brandão (neste caso, seria Didi e não Dindim) pai de Maria José, avô do menino Raimundo e Diogo Ferreira Fonteles, casado com Norberta Sofia, o patriarca da Fazenda Luz, falecido quando Raimundo não era nem nascido (1842).

Ainda tem mais um "causo", de todos o mais burlesco, espoucado em risos à hora do terço meridiano. O puxador, já meio surdo, não escutou direito, quando alguém lhe sussurou ao ouvido a precária condição de saúde do vizinho Brás de tal: - Acrescento um mistério pela alma do ora de manhãzinha finado Vaz, morto de morte *natoral que Deos lhe deo*, proclamou altissonante.

A prebenda custou caro, tirando completamente a novena do sério. Quanto mais se reprimiam, mais tinham vontade de achar graça. No seu canto, só o pequeno Raimundo permanecia de cenho fechado, em muda censura àquele destrato às coisas sérias.

Conselho recebido do historiador Sadoc de Araújo de preferir sempre as provas documentais às testemunhas obriga-me a cingir este depoimento aos documentados em letra de forma. Ouvi falar dez versões diferentes sobre a participação do patriarca Manuel Ferreira Fonteles nos "barulho" da queda do ouvidor Loureiro. Reproduzo a única (ainda um tanto romanceada para meu gosto) do autor citado de "O Município de Santana", José Mendes Pereira de Vasconcelos.

"Loureiro ganhava tempo" (para o leitor eventualmente sem noção do assunto: tratava-se da rivalidade, era este o mote da briga: a disputa entre as vilas de Aquiraz e a da Fortaleza, a esta última votando o Ouvidor irrecusável má vontade). A caturrice de Loureiro valeu-lhe a demissão do cargo, substituído pelo novo ouvidor (Machado?) a quem tergiversava empossar, fiel a seu princípio de não prestigiar partidários da Fortaleza."... e augmentava em consideração entre os seu partidários; e nestas condições, animado dispunha-se a uma visita ao Capitão Manuel Ferreira Fonteles, no intuito de ir com ele ao Serrote Olho d'Água, para dali segundo seu roteiro, seguir até o local da mina indicada" (tinha também este lance da mina de prata do Araticum, referida no manuscrito de Frei Cristovão de Lisboa e que assentaria, pela posição indicada, na atual Gruta de Ubajara)."... Dirigira-se como

era do seu plano, ao Capitão Fonteles, que afinal, vio-se obrigado a protegel-o contra a preseguição de Domingos Ferreira Barbosa, comandante da Fortaleza das Cinco Pontas em Pernambuco, que, com uma expedição de 200 homens-índios e soldados - dalli partira a 23 de agosto com ordem de o prender! Fonteles morava no sítio Tucunduba, à margem esquerda do Rio Acaracú, e tinha nos fundos das suas terras uma Fazenda ao lado de uma Ipueira, centro de situação de seus gados...

Foi alli, pois, que Loureiro se refugiou para evitar as pesquisas de Barbosa, dando por este facto, àquella Ipueira do Juíz o nome de Ipueira do Juíz, - nome que ainda hoje conserva!

João de Medeiros acompanhara a Loureiro; e por essa sua dedicação e por outros modos de proceder chegou a convecel-o de que ignorava o seu segredo!

Vivia pois com elle na maior intimidade..."

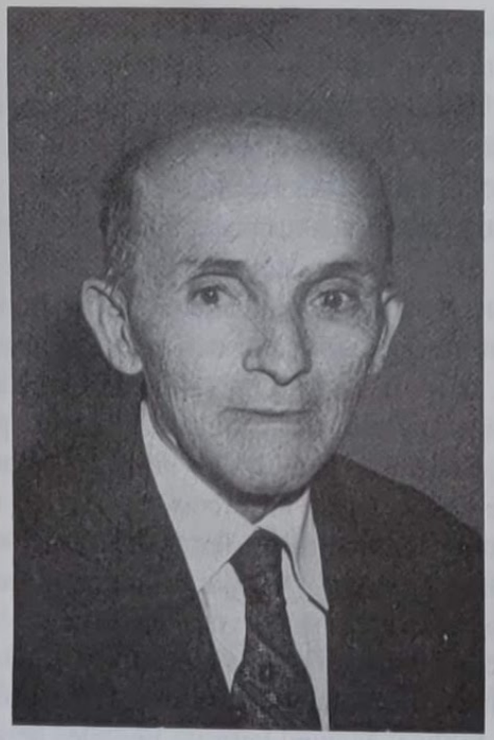
Para mim basta: o heptavô é mesmo o mestre-fonte da doutrina da fontelidade.

A FAMÍLIA AVELINO FONTELES

Em seu brilhante estudo intitulado "O Adão do Vale do Acaraú", traça o ilustrado sacerdote, Cônego Francisco Sadoc de Araújo os lances épico-heróico épico-heróicos da conquista dos sertões de Sobral e do Vale do Acaraú ao lado do sistema hidro-orográfico da Ibiapaba. Epopéia ainda geradora de muita pesquisa. Dá-lhe o nosso, por inúmeros títulos, querido Padre Sadoc, tratamento privilegiado onde, no seu entender, "as terras banhadas pelo Acaraú foram povoadas dentro de um critério de seleção de sesmeiros, gente de boa linhagem, predominando entre as famílias primeiras, sentimentos de elevadas virtudes morais e tendências para o aprimoramento cultural. Estes sesmeiros começam a chegar, quase de uma vez, nos primórdios do século XVIII, prova de que estas terras eram cobiçadas e apressadamente solicitadas. A ocupação começou de súbito, quase nervosamente, por uma leva de homens que disputavam sua partilha desta cobiçada presa. Para quem lê as datas de sesmarias da época, a impressão que fica é de uma quase inundação humana, por esta região adentro, da Ribeira do Acaraú. Era o homem branco que chegava para construir a nossa civilização..." (Cronologia Sobralense, vol. I, Introdução). Impressão semelhante

só colho, ao redigir estas notas, na premência de editá-las (melhor de oferecê-las como roteiro de pesquisa) daqui para o centenário de meu pai, vinte dias apenas de prazo, "*maximis itineribus*" as escrevo, tendo de me arrimar em penas mais autorizadas, é natural (Pe. Sadoc é, desde 16.7.93, sócio do Instituto Histórico, dirigindo em Recife a Faculdade de Filosofia Católica, nos faz aqui enorme falta a sua ausência física que o telefone nem sempre pode contornar).

Ao tempo em que petições de sesmaria começavam-se a acumular nas mesas de desembargo do governador de Pernambuco em cuja jurisdição o Ceará ingressara, há pouco saído da esfera administrativa do estado do Maranhão (esta indefinição inicial é também bom mote para pesquisa), nascia em Meixomil, Entre Douro e Minho, Portugal, Manuel Ferreira Pinto, tronco de enorme descendência na Ribeira do Acaraú e vulto de singular importância no estudo da colonizaçào desta região", sendo "raro o sobralense branco que dele não descenda" (Araújo, F. Sadoc, op. cit., p. 41). Não foi fácil para o estreante levantar sua árvore de costado até entroncar na Fazenda-mãe da Tucunduba, confins dos municípios de Marco e Bela Cruz, à margem esquerda do Rio Acaraú. O que encontrei de mais provável registro-o sob a forma bíblica: Manuel Ferreira Fonteles gerou Manuel Ferreira Fonteles Filho que gerou Inácio Ferreira Fonteles que gerou Vicente Ferreira Fonteles pai de nosso avô Joaquim Avelino Fonteles (10.11.1847 - 16.12.1936). Devera-se assinar Ferreira, mas pelo santo do dia natal (André Avelino) trocou-o por Avelino Fonteles.



A FAMÍLIA AVELINO FONTELES (Ensaio Genealógico)

JOAQUIM AVELINO FONTELES, filho de Vicente Ferreira Fonteles e de Justa Fonteles, nascido em Santana do Acaraú, a 10 de novembro de 1847. Falecido na casa da fazenda das Águas Livres em 16.12. 1936, aos 89 anos de idade. Casou-se em Santana com sua prima Maria José Brandão. O casal teve 17 filhos.

F1 - JOSÉ AVELINO FONTELES, casado com Maria do Carmo (Carminha). Residiu em São Benedito(CE), tendo sido o primeiro da irmandade a tentar a sorte na Serra da Ibiapaba, gesto que deu início a verdadeira corrente migratória de membros e afins da numerosa família em direção à cordilheira, em princípios do século. O casal teve apenas uma filha:

N1 - MARIA CACILDA, casada com José Isaias de Thomaz Lourenço, professor e funcionário do DNOCS. Pais de:

Bn 1 - MARIA CELESTE, promotora de justiça, casada com Luiz Carlos Riquet Nogueira de Aragão, professor. Pais de:

Tn 1 - Marcelo Antonio, professor da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Estadual do Ceará, com mestrado em Informática.

Tn 2 - Adriana Maria, estudante universitária.

Tn 3 - Cristiana Maria, estudante universitária.

Bn 2 - JOSÉ CÉLIO, professor e funcionário municipal, casado com Cyra Maria Franklin, microempresária. Pais de:

Tn 4 - José Célio, empresário, casado com Liana Serra, empresária. Pais de:

Qn 1 - Renato

Qn 2 - Rebeca

Tn 5 - Cybele Maria, casada com Antonio Mário B. Freire Vieira, militar. Pais de:

Qn 3 - Rodolfo Diogo

Qn 4 - Rafael Franklin

Qn 5 - Rayssa Maria

Qn 6 - Rayana Maria

Tn 6 - Paulo César, proprietário de revendedora de carros, casado com Cyntia Nóbrega, formada em engenharia civil. Pais de:

Qn 7 - Rafaella

Tn 7 - Cyro José, estudante.

Bn 3 - ANTÔNIO CLÉCIO, doutor em Informática, professor da Universidade Federal do Ceará e proprietário de empresa de computação, casado com Diana Pontes. Pais de:

Tn 8 - Daniel

Tn 9 - Izabel e

Tn 10 - Gustavo

Bn 4 - MANUEL CEFAS, juiz de direito, casado com Célia Maria Rodrigues, advogada. Pais de:

Tn 11 - José Isaias

Tn 12 - Isabele Maria e

Tn 13 - Pedro Ítalo

Bn 5 - FRANCISCO CELSO, funcionário público estadual, casado com Enedina Moreira Felix, socióloga, funcionária pública municipal. Pais de:

Tn 14 - Leonardo Jucah

Tn 15 - Francisco Celso Jr. e

Tn 16 - Karine

F2 - VICENTE AVELINO FONTELES, casado com Maria das Graças (Gracinha, cunhada de Francisco Romano da Ponte, comerciante em Sobral e tronco de ilustrada família), coletor federal, agricultor e pecuarista em Santana. Falecido a 24.7.76. Pais de:

N 2 - JOSÉ OLAVO, comerciante e agropecuarista em Santana. Quando jovem cursou o seminário em Sobral onde, afinal, veio a falecer a 12.10.1992. Casado com Irismar Carneiro, filha de Martiniano Carneiro e irmã de José Osmar Carneiro, ex-prefeito municipal de Santana, falecido. Pais de:

Bn 6 - AURINEIDE, graduada em Letras. Casada com Raimundo Arcanjo, professor da Universidade Vale do Acaraú, em Sobral-CE. Pais de:

Tn 17 - Iris Flávia, estudante de medicina.

Tn 18 - Cecília, estudante.

Tn 19 - Gustavo, estudante e

Tn 20 - Lícia, estudante.

Bn 7 - JOSÉ ARY, médico. Prefeito Municipal de Santana do Acaraú, empossado a 1.1.1994. Casado com Sandra Helena Farias. Pais de:

Tn 21 - Samia, estudante.

Tn 22 - Érica, estudante.

Bn 8 - VICENTE ARMANDO, engenheiro civil. Presidente da Empresa Municipal de Limpeza Pública de Fortaleza (1990-92). Casado com Maria das Graças, sobrinha-neta e homônima de sua (dele) avó paterna. Pais de:

Tn 23 - José Olavo

Tn 24 - Armando

Tn 25 - Gracy e

Tn 26 - Eveline

Bn 9 - FRANCISCO, engenheiro agrônomo. Professor da Universidade Vale do Acaraú. Agropecuarista (Fazenda Águas Livres, de seus avós). Casado com Ana Elisabeth Arcanjo, cirurgiã-dentista, irmã do Dr. Carlos Arcanjo (Cacá) vice-diretor da Maternidade-Escola da Santa Casa de Misericórdia de Sobral. Pais de:

Tn 27 - Tales

Tn 28 - Lívia

Tn 29 - Iara e

Tn 30 - Ivna

N 3 - JOAQUIM ARISTIDES, comerciante em Sobral, casado com

Neusa Cavalcante, de Santana. Pais de:

Bn 10 - MARIA SOCORRO, professora, casada com Luiz Gonzaga Sampaio. Pais de:

Tn 31 - Geovana e

Tn 32 - Luiz Cláudio

Bn 11 - JOSÉ AFRÂNIO, cirurgião-dentista. Casado com Teresa Maria Ramos, filha de João Ribeiro Ramos, farmacêutico, escritor, membro da Academia Cearense de Letras, e de Dinorá Tomáz Ramos, escritora, biógrafa de seu tio, Padre Antonio Tomáz, falecida. Pais de:

Tn 33 - João Afrânio

Tn 34 - Ana Vládia e

Tn 35 - Dinorat

Bn 12 - JOSÉ SÉRGIO, engenheiro químico.

N 4 - ALAYDE, casada com José Valeriano Costa, filho de Francisco José Valeriano Costa ("seu" Zuza, de São Benedito) e Rosa Freire e irmão de Hilda Costa Fonteles, casada com Antonio Avelino Fonteles (F3). Pais de:

Bn 13 - MARIA DARCY, professora. Casada com José Juarez Souza, comerciante. Falecida em Sobral, em 29.2.1989. Pais de:

Tn 36 - José Juacy, engenheiro civil trabalhando na Superintendência Municipal de Obras (SUMOV), em Fortaleza. Casado com Celina Maria Bandeira. Pais de:

Qn 8 - David e

Qn 9 - Marília

Tn 37 - Francisco Carlos, médico trabalhando no Hospital de Messejana, casado com Isabella Lima Saldanha. Pais de:

Qn 10 - Taís e

Qn 11 - Bruno

Tn 38 - Eliane Maria, dentista, casada com Marcos Antônio Frota. Pais de:

(1) Além de ilustre descendência, o casal Hilda Costa - Antonio Avelino Fonteles adotou (entre outros) a José Miranda Carneiro c/c Antonia Marques Carneiro. Pais de: Francimar, Maria do Socorro, Adelaide (Dete), José Francisco e Adriana Maria. José Miranda já é falecido em 10.4.83, descendendo do casal 8 netos e 4 bisnetos.

Recordo também (já que foi meu companheiro de infância) a Edmundo Jesuíno (filho legítimo de Terto e Dora, do Cocal) a quem as provas de afeição do casal que o criou (os tios Hilda e Toinho) despertava os ciúmes de outra cria da família, a Mãe Lutza (Loló) ou Comandre Luiza de quem trato nos capítulos intitulados "Antonio, o Precursor" e "Na Ibiapaba".

Qn 12 - Elano
Qn 13 - Eliane e
Qn 14 - Érico

Bn 14 - MARIA ALADYA, médica. Professora aposentada da Universidade Federal do Ceará. Pediatra da Secretaria de Saúde do Estado.

Bn 15 - MARIA DE JESUS, funcionária do Instituto Nacional da Seguridade Social. Do casamento com José Cordeiro Leite, houve as filhas:

Tn 39 - Marlene, casada com Rubens Barbosa. Formada em Ciências Contábeis e funcionária da Companhia de Eletricidade do Ceará (COELCE). Pais de:

Qn 15 - Ana Valéria
Qn 16 - Rubens e
Qn 17 - Ana Valesca

Tn 40 - Marly, funcionária da Receita Federal, engenheira civil e Técnica do Tesouro Nacional.

Bn 16 - JOSÉ GERARDO, falecido solteiro em Fortaleza, a 12.2.75.

N 5 - ANTONIO (Mecenas), exerceu o comércio em Sobral, durante anos, no estabelecimento de seu irmão Joaquim Aristides (N 3). Aposentado, retornou à sua terra natal, Santana do Acaraú onde reside no antigo solar de seus familiares.

N 6 - GERARDO MAJELA, médico. Exerceu chefias no extinto Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social. Especialista em Ginecobstetrícia. Casado com Marluce Oliveira Aguiar. Pais de:

Bn 17 - VICENTE EDUARDO, engenheiro eletrônico
Bn 18 - TICIANA, economista e
Bn 19 - GERARDO MAJELA JR., advogado

F3 - ANTONIO AVELINO FONTELES, político de projeção na Serra da Ibiapaba, empreendendo, nessa condição vários melhoramentos para a região, sobretudo, no setor das comunicações rodo-aeroviárias. Coletor estadual (a exemplo do seu sogro), comerciante e agropecuarista no município de São Benedito. Vereador, exerceu a Prefeitura nos dias iniciais da Revolução de 30. Casado a 28.11.1910 (data em que completava 22 anos) com Hilda Costa (falecida em Fortaleza em set.76 - vj. N 4) Pais de:

N 7 - GERARDO MAJELA, médico. Professor aposentado da Universidade Federal do Ceará em cuja galeria do Departamento de Saúde Comunitária foi aposto seu retrato. Médico do Instituto de Previdência do

Estado e do Hospital Cura D'Ars onde é cirurgião de aprimoradas técnicas. Ex-diretor co-proprietário do Hospital Nossa Senhora das Graças (em Fortaleza, ambos os hospitais). Foi oficial-médico da Polícia Militar do Estado. Agropecuarista, preside a Associação dos Criadores do Ceará. Casado com Telma Silveira, ex-diretora administrativa do Hospital N. Sra. das Graças, descendente de família de São Benedito (seu pai, Luiz Gonzaga, professor fundador da Faculddade de Medicina e dos Hospitais das Clínicas e César Cals. Sua mãe Adalgisa Pereira, beletrista. Ambos falecidos). Pais de:

Bn 20 - SANDRA, casada com Pedro Luiz Ritt, engenheiro químico da Companhia de Petróleo do Nordeste (COPENE) em Salvador-Ba onde residem. Pais de:

Tn 41 - Luis Eduardo
Tn 42 - Guilherme e
Tn 43 - Rafael

Bn 21 - SÉRGIO, engenheiro, Comerciante. Ex-diretor do Banco do Estado. Incentivador dos desportos, integrou a diretoria do Ceará Sporting. Agropecuarista. Casado com Rossana Alencar, filha de José Marconi de Figueiredo Alencar, ex-deputado estadual e procurador do IPEC (Instituto de Previdência do Estado) e Astrides Lopes. Funcionários da Assembléia Legislativa do Ceará. Pais de:

Tn 44 - Marconi e
Tn 45 - Ingrid

Bn 22 - MARCOS, engenheiro do Departamento de Trânsito onde ocupou uma das diretorias. Casado com Lidya Maria, nutricionista do Ijotaefe (Hospital Escola Municipal), filha de Emmanuel Santos Lima e Helena Carvalho. Pais de:

Tn 46 - Camila e
Tn 47 - Vítor

Bn 23 - CARLA, advogada. Casada com Zairton Perdigão Moreira, advogado, funcionário da Jonhson & Jonhson, filho de Ercílio Moreira e Sonia P. Moreira. Pais de:

Tn 48 - Fernanda e
Tn 49 - Felipe

(2) Gabriel Anastácio Cavalcante, casado com Joana Boto (falecidos, ela em 1930, em São Benedito e ele em Fortaleza em 1946). Pais de: Joaquina (Sinhasinha), Raimundinha (Querida), Mª Dolores (Marieta), Mª Luiza, Nerícia e Mª de Lourdes (religiosa da ordem de Santa Ana, falecidas as duas últimas).

[1] F 4 - JOAQUIM AVELINO FONTELES, falecido aos 21 anos de idade, na Fazenda das Águas Livres (Santana).

F 5 - DIOGO AVELINO FONTELES, homônimo de seu avô materno. Faleceu solteiro em idade avançada na cidade de Santana.

F 6 - FRANCISCO AVELINO FONTELES, falecido de mal súbito, aproximadamente com quarenta anos, não constando descendência.

F 7 - MARIA NAZARÉ FONTELES, sem informações adicionais.

F 8 - ANA AMÉLIA FONTELES, casada com Diogo Calmon. Pais de:

N 8 - ALENCAR, durante muitos anos industrial do ramo calçadista (Sapataria Globo) em Sobral. Se outros irmãos teve, não é do meu conhecimento. Como também, aguardo informes mais detalhados de sua descendência.

F 9 - OLINDA FONTELES, casada com Cândido Anastácio Cavalcante, prefeito municipal, durante a presidência de Justiniano de Serpa, continuando com a de Ildefonso Albano. Com seu irmão Gabriel (cunhado de Olinda) Anastácio Cavalcante[2], estabeleceu-se em São Benedito, no 1º quartel do século. Originários (como Olinda) da região de Santana. Pais de:

N 9 - JOAQUIM OTÁCILIO, durante muitos anos morou no Rio de Janeiro-RJ (bairro de Maria da Graça), retornando definitivamente ao Ceará nos meados da década de 50, fixou-se no ramo de comércio em São Benedito após curtos lapso no fisco estadual. Casou-se em 1958 com Mariinha Barroso, filha de Francisco Horácio (ex-prefeito municipal de Carnaubal-CE) e de Doralice Barroso. São pais de (ele já falecido em 1978):

Bn 24 - MARIA GORETE, ex-funcionária do Banco Bradesco S/A, atualmente trabalhando na Clínica São Benedito em São Benedito.

Bn 25 - SONIA, casada com Francisco Charles Rodrigues da Silveira, filho de Francisco Onias Botelho da Silveira (neto de Onias Silveira e Hermínio Botelho, tabelião e juiz de São Benedito, respectivamente, referenciados alhures neste livreto) e de Rosimeire Rodrigues, irmã de José Armando Rodrigues, comerciante e político sambeneditense, executado pela guerrilha armada a 30.8.70. Pais de:

Tn 50 - Lara

N 10 - MARIA IACI, casada com Francisco das Chagas Paiva, filho de Domingos Paiva e Rosa Paiva, viúvo de Arminda Sousa (sobrinha do Coronel Tibúrcio, vice-presidente do Estado, já referenciado). Francisco (Chico de Paiva) foi Delegado de Polícia em São Benedito, maestro (compositor)

da Banda de Música local, por algum tempo foi também contratante de obras públicas da prefeitura e presidente do Círculo Operário (1964). Agricultor, falecido em 14.mar/93. Pais de:

Bn 26 - MARIA DO SOCORRO, professora normalista no sítio Mirandas (dos seus antepassados) em São Benedio (1966-71). Funcionária, a partir de então, da VASP, no Rio de Janeiro. Casada em Niteroi (onde faleceu em 4.11.82) com Nilo, de Minas Gerais, funcionário do Banco do Brasil S/A. Pais de:

Tn 51 - Eduardo

Tn 52 - Leonardo e

Tn 53 - Carolina, todos morando com a família paterna (Rodrigues Pereira) em Carandaí-MG.

Bn 27 - OLINDA MARIA, funcionária do Banco do Nordeste do Brasil S/A, casada com Francisco Osmarino Arruda, bancário do BNB, nascido em Olho d'Água, distrito de Sobral. Pais de:

Tn 54 - Rafael

Tn 55 - Rodrigo e

Tn 56 - Raquel

Bn 28 - ROSA HELENA, casada com Antonio Camelo Matos, médico, especialista em Clínica e Ginecobstetrícia. Diretor da Clínica São Benedito. Pais de:

Tn 57 - Tiago

Tn 58 - Camila e

Tn 59 - Lívia

Do 1º casamento de Francisco das Chagas Paiva e Arminda Sousa, nasceu a filha MARIA DE LOURDES, funcionária aposentada da Fundação Nacional de Saúde e casada com João Francisco Aureliano, comerciante falecido em nov/93. Pais de:

Gabriela, estudante

N 9 - JOSÉ, cursou o Seminário de Sobral, de onde saiu com apreciável preparo intelectual, dotes oratórios reconhecidos até pelos adversários do seu tio Antonio Avelino. Faleceu como funcionário do DNOCS, em Orós-CE.

N 12 - JOSÉ MARIA, funcionário da BRAHMA S/A, casado com Maria Darcy Silveira Bastos, filha de Filomeno Bastos (de Santa Quitéria-CE onde nasceu em 1890, prestes a inteirar, portando, 104 anos) e Luiza

Silveira, de Cariré-CE. Pais de:

Bn 29 - LUZIA OLINDA, advogada, casada com Luis de Alencar, bancário. Pais de:

Tn 60 - Lucas e

Tn 61 - Luciano

Bn 30 - REGINA CÉLIA, casada com José Frederico Oliveira Andrade. Pais de:

Tn 62 - José Maria

Bn 31 - REGINA MARIA, universitária, gêmea com sua irmã (Bn 29)

Bn 32 - FRANCISCO JOSÉ, pré-universitário

Bn 33 - CLÁUDIA, universitária em Brasília

Com o falecimento de José Maria, a 10.3.88, sua viúva mudou-se para Brasília, contraindo novas núpcias com José de Albuquerque Alencar, também já falecido (a 17.7.90), no Ceará.

N 13 - MOACIR, negociante prestamista. Casado com Giselda Cunha, em 1942, de Guaiúba-CE. Convivendo muito tempo em São Benedito com José Miranda em casa de seu tio Antonio Avelino, desenvolveram grande amizade que os levou ao mesmo ramo de negócios, morando mesmo juntas as duas famílias, por certo tempo, em Fortaleza, num lance típico da solidariedade dos Fonteles. Falecido em 1954. Pais de:

Bn 34 - CONCEIÇÃO, residente certo tempo em companhia de sua tia (madrinha) Mariinha

Bn 35 - ROBERTO - residente por alguns períodos com seus tios Gerardo Magela e Telma Fonteles.

N 7 - GERARDO MAJELA, já referenciado no F3.

Com o falecimento de Olinda a 18.8.1922, seu viúvo, Cândido Anastácio contraiu novas núpcias, em 1924 com Alice Cavalcante, tendo o casal os seguintes filhos: Antonio, Osmar, Célio, Fransquinha, Ivone e Maria de Socorro (as duas últimas funcionárias federais, do Poder Judiciário e da Auditoria Militar, respectivamente). Cândido faleceu na década de 50 e sua viúva, duas décadas depois. Durante o quadriênio de sua administração, foi inaugurado o trecho rodoviário São Benedito-Ipu, permitindo viagens mistas rodo-ferroviárias, inicialmente até Camocim, seguindo daí para Fortaleza de vapor (navio).

F 10 - ROSA ERONIDES FONTELES, nascida em Santana do Acaraú em 25.12.1890. Casada com Francisco Ramiro Pereira, da Fazenda

Gameleiras, município de Santana. Pais de:

N 14 - FRANCISCO CELSO, casado com Maria Augusta Ribeiro. Aposentado, residente em Caucaia-CE. Pais de:

Bn 36 - JOSÉ CELSO, casado com Flordinete Guimarães. Pais de:

Tn 63 - Ricardo, casado com Valéssia Pereira. Pais de:

Qn 18 - Mônica e

Qn 19 - Celso

Bn 37 - AUGUSTA MARIA, casada com Sílvio de Goes Correia. Pais de:

Tn 64 - Tobias

Tn 65 - Evenise

Bn 38 - FRANCISCO TARCÍSIO, casado com Vera Lúcia Lima. Pais de:

Tn 66 - Tarcísio

Tn 67 - Gabriele e

Tn 68 - Davi

Bn 39 - PAULO DE JESUS, casado com Ana Alice Garcia. Pais de:

Tn 69 - Cláudio

Tn 70 - Paulo Henrique e

Tn 71 - Flávia

Bn 40 - ANA MARIA, casada com Roberto Jereissati. Pais de:

Tn 72 - Roberto Filho

Bn 41 - MARIA DE FÁTIMA, casada com Antonio Luís de Melo. Pais de:

Tn 73 - Lorena

Tn 74 - Alana e

Tn 75 - Antonio Luís Jr.

Bn 42 - LÊDA MARIA, casada com Pedro Jorge Pereira, pais de:

Tn 76 - Pedro Antonio e

Tn 77 - Ana Cecília

N 15 - MARIA DA ASSUNÇÃO, falecida

N 16 - ANA ODETE, nascida a 7.5.1912, residente em sua terra natal, Santana do Acaraú

N 17 - LAURA JURANDIR, falecida em 9.12.40

N 18 - ESTER OLINDA, falecida em 29.5.1991

N 19 - ISABEL ESMERALDA, nascida em 7.9.1913 em Santana do Acaraú onde reside

N 20 - JOSÉ BONIFÁCIO, casado com Maria Alves Vasconcelos (residente em Brasília, desde o falecimento, a 28.3.78, de seu esposo). Pais de:

Bn 43 - FRANCISCO RAMIRO, Analista de Sistemas da Telebrás, casado com Maria Neila Araújo, funcionária do Banco Central. Pais de:

Tn 78 - Andrea

Tn 79 - Denise e

Tn 80 - Lucas

Bn 44 - ROSA MARIA, funcionária da Telebrasília, casada com José Amilton Costa, funcionário da Infraero. Pais de:

Tn 81 - Sylas e

Tn 82 - Natália

Bn 45 - Edmundo Elênio (homônimo de seu tio, N 19), casado com Maria de Fátima. Pais de:

Tn 83 - Abigail

Tn 84 - Ezequiel

Tn 85 - Ruth e

Tn 86 - Edna

Bn 46 - JOSÉ MARIA casado com Maria de Fátima Costa. Pais de:

Tn 87 - Tadeu Fladner

Tn 88 - Rafael e

Tn 89 - Raquel

Bn 47 - PEDRO JORGE, casado com sua prima, Leda, já referida no ítem N 11

Bn 47 - PAULO EXPEDITO, casado com Mônica Cíntia. Pais de:

Tn 90 - Tiago Felipe

Tn 91 - Caroline Evi e

Tn 92 - Camila

Bn 49 - MARCOS ARÍ, casado com Ângela Miranda. Pais de:

Tn 93 - Natásha Ramile e

Tn 94 - Marcus Vinicius

Bn 50 - Laura Maria, falecida com horas de vida.

N 21 - EDMUNDO HELÊNIO, nascido em 16.11.1918, tendo viajado para Minas Gerais em 15.3.47, não mais retornando, homônimo do seu sobrinho Bn 45.

N 22 - MARIA JOSÉ, casada com seu primo José Orozimbo Pereira. Pais de:

Bn 51 - FRANCISCO IVAN, Solteiro, residente em São Paulo.

Bn 52 - TEREZA DE JESUS, casada com Antonio Aurélio da Costa. Pais de:

Tn 95 - José Ângelo, casado com Ana Luzicélia Araújo. Pais de:

Qn 20 - Ana Ravena

Tn 96 - Antonio Aurélio, acadêmico de Obstetrícia.

Bn 53 - MARIA IMACULADA, solteira, residente em Fortaleza.

Bn 54 - LÚCIA DE JESUS, casada com João Ésio. Pais de:

Tn 97 - João Ésio Jr., acadêmico de Economia.

Tn 98 - Márcio, acadêmico de Engenharia.

Bn 55 - MARIA DE FÁTIMA, casada com Manuel Jaime Pereira. Pais de:

Tn 99 - Tadeu Ricardo

Tn 100 - Emanuele Régia

Tn 101 - Daniele

Bn 56 - BERNARDINO MARCOS, advogado, agente da Polícia Federal, em Recife-PE. Casado com Fátima de Nazaré Silveira. Pais de:

Tn 102 - Ticiano e

Tn 103 - Andressa

N 23 - ROSA ERONIDES, homônima de sua mãe (que faleceu aos 30 anos, quando ela contava apenas 3 dias de nascida); verdadeira memória viva da família, colaboradora deste trabalho. Reside em Santana com suas irmãs Odete e Isabel Esmeralda. Sua mãe era nascida a 25.12.1890.

F 11 - MARIA DA PENHA FONTELES, precoce artesã de fiação de rendas, falecida aos 9 anos de idade, em Santana do Acaraú.

F 12 - ROSA FONTELES, falecida aos 4 anos de idade, em Santana do Acaraú

F 13 - FILOMENA ARTEMÍSIA (Filó) Solteira, ocupou-se dedicadamente a ajudar na educação dos sobrinhos. Falecida em Santana do Acaraú.

F 14 - RAIMUNDO AVELINO FONTELES, nascido na Fazenda Águas Livres, município de Santana a 28 de abril de 1894. Batizado no mesmo ano a 29 de julho, na Matriz e no domingo da oitava da festa da padroeira, Senhora Santana a quem tomou por madrinha (o padrinho foi Antonio Sabino da Costa Filho), oficiando o sacramento o vigário colado, Francisco Xavier Nogueira, presidente da Assembléia Estadual. Comerci-

ante. Exerceu o cargo de Tesoureiro da Mesa de Rendas de São Benedito-CE (1927-30) e o mandato de vereador à Câmara da mesma cidade (1959-63) aonde chegou em1913. Falecido em Fortaleza a 28.10.64. Casado com Sinhazinha Cavalcante Fonteles, filha de Gabriel Anastácio Cavalcante e Joana Botto Cavalcante (vj. F 9). Pais de:

N 24 - MARIA IVETE, casada com José Newton Bezerra, engenheiro-agrônomo e fiscal aposentado do Banco do Brasil S/A, filho de José Evangelista Bezerra e de Rosa Pereira Bezerra (de Jaguaruana-CE). Pais de:

Bn 57 - FRANCISCO VÁGNER, ex-funcionário da Empresa Brasileira de Telecomunicações. Empresário da indústria da construção civil. Casado com Erundina Alves, filha de Raimundo Alves da Silva e Maria Batista da Silva. Pais de:

Tn 104 - Daniel Vágner e

Tn 105 - Mateus

Bn 58 - JOSÉ NEWTON JR., universitário e empresário na área de engenharia civil. Casado com Amanda Castelo Branco, filha de Marionir Macedo Castelo Branco e Luzia Paiva. Pais de:

Tn 106 - Samuel e

Tn 107 - Isabel

Bn 59 - MARÍLIA, universitária

N 25 - RAIMUNDINHA, professora (vice-diretora) de escola do Estado e diretora (proprietária) de escola. Casada com Anastácio Alves Nóbrega, filho de Luis Alves Nóbrega e Joana Alves (ele político e agropecuarista, falecidos ambos). Anastácio é comerciante (aposentado) e agropecuarista, sendo atuante também com destaque nos meios sócio-diversionais de Camocim-CE onde residem. Pais de:

Bn 60 - ANA ALICE, estudante secundarista.

N 26 - FRANCISCO HIDER, Auditor Fiscal do Tesouro Nacional, tendo exercido diversas comissões de importância, desde titular da Exatoria Federal de São Benedito-CE até a chefia da Divisão de Informações Econômico-Fiscais da Delegacia da Receita Federal em Fortaleza. Agropecuarista. Casado com Regina Célia Barreto Aguiar (a 6.1.67), professora normalista, filha de João Batista Salustiano Aguiar, nascido em Serrota (região do Baixo Acaraú), vice-prefeito (1959-63) e prefeito (63-67) de São Benedito e de Iraci Barreto, funcionária da Empresa Brasileira de Correios (neta do Capitão Aristides Barreto, advogado e chefe político de alto destaque na

região, falecido assim como os sogros de Francisco Hider). Pais de:

Bn 61 - SORAYA, engenheira de pesca. Pesquisadora. Professora da Universidade Federal do Ceará. Casada com Pedro César Fernandes dos Santos, cirurgião-dentista, pós-graduado em Ortodontia, exerce o magistério superior da especialidade na UFC.

Bn 62 - FRANCISCO HIDER JR., universitário de Agronomia da UFC.

Bn 63 - INGRID, universitária de Fonoaudiologia da Universidade de Fortaleza.

Bn 64 - RÉGIS, estudante do 2º Grau.

N 27 - MARIA TERESINHA, professora, graduada em História. Funcionária aposentada do Instituto Nacional da Assistência Médica da Previdência Social.

N 28 - JOSÉ (Zecélio), médico. Graduado em Filosofia, Comunicação Social e Administração. Ex-professor municipal (atualmente na Fundação de Cultura) e da Universidade de Fortaleza. Analista do Tribunal de Contas da União. Autor deste trabalho. Casado com Francisca Laurinda Pessoa (homônima de sua bisavó paterna, mãe do Padre Antonio Tomás), filha do Capitão Inácio Ribeiro Pessoa (de Acaraú-CE) e de Maria Lira Pessoa (de Uruburetama-CE), graduada em Pedagogia e Comunicação Social, pós-graduada pela UFRJ (especialização em Estimulação Esssencial ao Desenvolvimento) e UNIFOR (Educação Pré-Escolar, com tese "Estudo sobre a Estimulação Ambiental no Período Sensorio-Motor", Fortaleza, 1986), diretora e vice de escolas do Município de Fortaleza. Pais de:

Bn 65 - RAMON, nascido em 15.3.1975, na Policlínica de Fortaleza.

Bn 66 - RICARDO, pré-universitário, nascido em Fortaleza, em 10.3.1976.

Bn 67 - ROSE LAURINDA, pré-universitária, nascida em Fortaleza, em 14.3.78.

Bn 68 - JOSÉ CÉLIO, estudante, nascido no Rio de Janeiro, em 30.5.81.

N 29 - LUIZ GONZAGA, engenheiro-agrônomo. Presidiu as companhias estatais de Colonização (COMARCO) e de Armazenamento do Maranhão. Empresário do setor granjeiro e de consultoria agrícola. Casado com Maria de Fátima Silva, graduada em Administração, executiva do Setor Público na área de Educação (Secretária de Estado e Diretora de Pessoal da Universidade Federal do Maranhão), filha de Adelino Silva (vice-consul de Portugal, fal. em São Luís-MA) e de Dóris Silva. Pais de:

T.049538/2004

Bn 69 - RAQUEL, nascida em São Luís-MA.

Bn 70 - LIA, nascida em Nova Iorque-EUA.

N 30 - ANTONIO DE PÁDUA, graduado em Geografia. Professor da Secretaria de Educação do Maranhão, a partir de 1977. Geógrafo do Instituto de Terras do estado. Na atividade privada, dedica-se ao setor granjeiro, tendo atuado também em escritório de consultoria agrícola. Casado com Maria de Fárima Carneiro, filha de Inácio Carneiro Primo, comerciante, e de Angélica Carneiro de Aguiar. Médica pediatra do Sistema da Previdência Social e de vários hospitais da capital maranhense, sobrinha-afim de Zélia Fonteles Carneiro (vj. F 27). Pais de:

Bn 71 - FREDERICO (Fred), estudante e

Bn 72 - ANTONIO DE PÁDUA JR., estudante.

F 15 e F 16 faleceram recém-nascidos.

F 17 - Natimorto, por ocasião do falecimento de sua mãe, Maria José. Viúvo, Joaquim Avelino contraiu segundas núpcias com sua sobrinha, Maria José Vasconcelos, irmã de José Filomeno Vasconcelos. Pais de:

F 18 - ANA ALICE (Naninha), casada com Alberto Oliveira Freire, filho de Esmerino de Oliveira Freire e de Floresmina Carapeba.

Coletor Federal em Barbalha e São Benedito (nesta última comissionado também algum tempo Inspetor do Ensino), cargo em que se aposentou, mudando-se para Fortaleza em 1957, onde faleceu em 12 de julho de 1983. Pais de:

N 31 - MARIA ILNAH, casada com José de Araújo Barreto, filho de Aquiles Barreto e Ester Araújo e neto de Aristides Barreto, já referido no F 14. Em São Benedito foi vereador e presidente da Câmara (como seu pai) introduzindo alí os serviços de alto-falantes. Delegado e Secretário de Polícia, procurador do DNOCS (fal.) Pais de:

Bn 73 - MARIA TERESINHA, casada com Rui Machado, engenheiro civil, filho de Adauto Machado e Maria Machado. Pais de:

Tn 108 - Daniele e

Tn 109 - Rui Júnior

Bn 74 - JOSÉ DE ARAÚJO (Barreto Júnior), engenheiro civil, casado com Ana Luzia Dias. Pais de:

Tn 110 - Fábio e

Tn 111 - Larissa

Bn 75 - ANA ALICE, casada com José Airton filho de Afonso Macha-

do e Sinharinha e Sinharina Machado. Falecido. Pais de:

Tn 112 - Tiago

Tn 113 - Ana Caroline

Tn 114 - José Airton Jr.

Bn 76 - SILVANA ESTER, casada com Joaquim George Gonçalves, bioquímico, filho de Bolívar Bastos Gonçalves e Miriam Gonçalves e neto de Joaquim Bastos, ex-governador em exercício (1947) do Estado do Ceará. Pais de:

Tn 115 - Carine

Tn 116 - Andrea

Bn 77 - ALINE MARIA, de seu casamento com Sérgio Dias, nasceu o filho:

Tn 117 - Sérgio Dias Júnior

Bn 78 - DENISE MARIA, casada com Rui Leite Barbosa, engenheiro civil. Pais de:

Tn 118 - Rui Neto

N 32 - FRANCISCO DAS CHAGAS (Chagas Oliveira). Médico. Doutorado em Medicina. Autor de tese (docência) subordinada ao tema "A Histerografia como Método de Avaliação da Cicatriz da Cesárea". Fortaleza (1976), assim como de vários artigos e conferências afetos à sua especialidade. Professor titular da Universidade e membro do Conselho Universitário. Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará. Clínico e cirurgião de reputada clientela. Chefe da Clínica Ginecobstétrica do Hospital Geral de Fortaleza. Diretor da Maternidade-Escola Assis Chateaubriand, agraciada em sua gestão com o troféu da UNICEF. Fundador da Unidade de Neonatologia (que tem o seu nome) e do Banco de Leite reconhecido centro de referência nacional em Nutrologia Neonatal. Casado com Aracy Maria Araújo, filha de Simpliciano Araújo e Liberaldina Araújo, de Buquim-SE. Diretora Administrativa da Maternidade-Escola Assis Chateaubriand. Pais de:

Bn 79 - ALBERTO OLIVEIRA FREIRE NETO, engenheiro civil, casado com Ana Melo, decoradora, filha de Francisco Melo, industrial da construção civil e de Maria José Montenegro. Pais de:

Tn 119 - Juliana

Tn 120 - Mariana

Tn 121 - Francisco André

N 33 - TERESINHA, professora diplomada, funcionária aposentada da Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

N 34 - IOLANDA, professora normalista, funcionária aposentada do Instituto Nacional da Assistência Médica da Previdência Social. Graduada em Ciências Contábeis.

N 35 - JOSÉ ALBERTO, cirurgião-dentista. Professor Universitário. Coordenador do Curso de Odontologia e Chefe do Departamento de Odontologia Restauradora da Universidade Federal do Ceará, função em que presidiu as solenidades de 70º aniversário da Faculdade de Odontologia do Ceará (1986). Casado com Zenilda Moreira, cirurgiã-dentista, professora universitária, funcionária da Caixa Econômica (aposentada), filha de Miguel Moreira e Ernestina Moreira. Pais de:

Bn 80 - LUÍS ALBERTO

N 36 - MARIA DE JESUS, professora normalista, funcionária aposentada da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. (3)

F 19 - FILOMENO FONTELES... - Não chegaram informações adicionais.

F 20 - JOSÉ FONTELES - idem.

F 21 - FRANCISCO FONTELES - idem.

F 22 - JOÃO FONTELES - idem.

Viúvo pela segunda vez contraiu Joaquim Avelino terceiras núpcias com Raimunda Vasconcelos de cuja falecida segunda esposa era sobrinha. Pais de:

F 23 - MARIA JOSÉ FONTELES... - Não chegaram informações adicionais:

F 24 - RAIMUNDINHA FONTELES, idem.

Falecida sua terceira mulher, Joaquim contraiu novas e derradeiras núpcias (4ª) com Francisca Júlia (Dona Chiquinha), irmã de Francisco Romano da Ponte, já referenciado no item F 2.

(3) Viúvo em 25/12/35, Alberto contraiu novas núpcias com Maria Laurinda Vasconcelos, prima de sua primeira esposa, descendendo deste segundo casamento os filhos: Clécia, professora; Francisco Wagner, agrônomo e funcionário do IBGE e da Comissão de Planejamento Agrícola; Francisco Tarcísio, fisioterapeuta; Benedito Tadeu, matemático e professor universitário (MS); Nereide, funcionária da UFC; Gerardo e Maria das Graças, professores; e Ana Lúcia, funcionária da SEDURB). Dona Laurinda comemorou este ano (1994) oitenta anos, ao lado dos 7 filhos (todos casados) e numerosos netos e bisnetos, enteados e demais parentes e amigos.

F 25 - RAIMUNDO VILANI FONTELES.

(Raimundinha, a propósito de certame de beleza em São Benedito, A Gazeta da Serra, edição de 1925, dedica-lhe carinhosa nota). Casada com Alberi Aragão, de Sobral-CE, falecidos, ele a 13/06/70 e ela a 14/03/89. Pais de:

N 37 - ABIGARINA, casada com Francisco Gomes da Silva, militar. Pais de:

Bn 80 - JOSÉ ALBERI, casado com Eridulce Neves. Pais de:

Tn 122 - Antônio Magno

Tn 123 - Magnólia

Bn 82 - MÁRCIA MARIA, casada com Raimundo Nonato Moreira. Pais de:

Tn 124 - Morgana e

Tn 125 - Raiana.

Bn 83 - FRANCISCO NIXON, solteiro.

Bn 84 - CARLOS GARDEL, solteiro, instrumentista.

N 38 - MARIA DA ASSUNÇÃO, casada com Wilson Tavares de Oliveira, falecido em Brasília a 06/04/66. Pais de:

Bn 85 - RITA DE CÁSSIA, casada com o Sargento Guerra, da Polícia Militar do Distrito Federal. Pais de:

Tn 124 - Edilene

Tn 125 - Paulo, casado com

Pais de:

Qn 21 -

Tn 126 - Patrícia

Tn 127 - Alexandre e

Tn 128 - Guilherme.

Bn 86 - WILSON TAVARES OLIVEIRA JR., funcionário público, casado com Edna, residentes em Fortaleza. Pais de:

Tn 129 - Juliana

Tn 130 - Mariana

Tn 131 - Luciana e

Tn 132 -

Bn 87 - NÁDIA, professora, casada com Raimundo Campelo, alto comérciante em Maracanaú-Ce. Pais de:

Tn 132 - Raimundo Fágner

Tn 133 - Tiago
Tn 134 - Luis e
Tn 135 - Nágila
Bn 88 - VLADEMIR, casado com
Pais de:
Tn 137 -
Tn 138 -
Tn 139 -
Tn 140 -
Tn 141 -
Tn 142 -
Bn 89 - WELLINGTON, casado com Solange. Pais de:
Tn 143 - Tatiana
Bn 90 - WLÁDIA, enfermeira do Hospital do Distrito Federal, casada com Francisco, funcionário do mesmo Hospital. Pais de:
Tn 144 - Francisco Jr.
Tn 145 -
Tn 146 -
Bn 91 - VERÔNICA, solteira, reside com a mãe em Brasília.
Bn 92 - VALÉRIA, casada com João Carlos.
Bn 93 - GLEISSE, casada com Eduardo, comerciante em Brasília. Pais de:
Tn 147 -
Tn 148 -
Tn 149 -

F26 - JOAQUIM AVELINO FONTELES FILHO, nascido em Santana do Acaraú, em 1909. Menino ainda de dez anos, encaminhou-se para São Benedito, a ajudar no comercio seus irmãos mais velhos (Antônio e Raimundo), morando em casa de seu cunhado Alberto Oliveira. Data desta época sua amizade com os irmãos Antônio Isidoro e Manoel Cavalcante (filhos de José Roberto Cavalcante, residentes hoje no Rio). Regressou depois a Santana, fixando-se lá, tornou-se comerciante e durante um período foi delegado de polícia local. Sobre este (bom) passo da sua vida, depõe um de seus cunhados, Sebastião Eustáquio, que ele (Joaquim), ao recomendar em casa a ração dos presos, se preocupava para que não houvesse troca dos copos de leite de um detento que só gostava de leite com açúcar, pelo de

outro que só o tomava (esquisito) com uma pitadinha de sal! Coisas da fontelidade... Com vistas ao deputado Amaral Neto...

A anedota faz lembrar, no pólo oposto, o desvelo do tio Toinho, nos preparos para as festas e banquetes políticos em sua casa, preocupado com que o banheiro estivesse escrupulosamente limpo, para o caso (como dizia) de "alguém precisar pedir misericórdia". Este era dos que se preocupavam também com os "grandes", recomendando em carta (prontamente respondida) que o candidato Juscelino Kubitschek se acautelasse "contra um possível atentado". Estes lampejos nos ocorrem, enquanto aguardo a desobstrução da linha telefônica (momentaneamente com defeito) para Santana, a fim de confirmar os dados genealógicos do tio Joaquim. Ele (hoje com 84 anos) é casado com Clarisse Sousa Rocha, filha de Euclides Moreira Rocha e Rosa Sousa Rocha, falecidos. Pais de:

N 39 - MIRTES, casada com Ariston Brandão. Pais de:
Bn 94 - HÉLIO, casado com Ana Maria Vasconcelos. Pais de:
Bn 95 - HÉLDER, casado com Conceição. Pais de:
Tn 151 - Míria
Tn 152 - Mara
Bn 96 - HELÊNIO, casado com Nini. Pais de:
Tn 152 - Monalisa
Bn 97 - HELMA, casada com Mário Júnior. Pais de:
Tn 153 - Mário Neto
Tn 154 - Valdete
N 40 - MARIA, casada com Tarcísio Felinto. Pais de:
Bn 98 - JOSÉ CARLOS, casado com
Pais de:
Tn 155 -
Bn 99 - ANA CLARISSE, casada com José Nilton Soares. Pais de:
Tn 156 - Gabriela
Tn 157 - Nilton Jr.
Bn 100 - TERESA DE JESUS, casada com
N 41 - ROSA, casada com José Amauri. Pais de:
Bn 101 - JOSÉ EXPEDITO, falecido.
Bn 102 - JOAQUIM AVELINO ARAÚJO NETO, graduado em Enfermagem (de Obstetrícia). Proprietário da Farmácia Santa Rosa em Santana do Acaraú, casado com Carla Maria Araújo. Pais de:

Tn 158 - Pedro Parsifal
Tn 159 - Carla Maria.
Bn 103 - JOSÉ HORÁCIO, casado com Marta Linhares Albuquerque.
Pais de:
Tn 160 - Monique
Bn 104 - JOSÉ AMAURI
N 42 - ANA LOURDES, casada com José Milton Araújo.
Pais de:
Bn 105 - MIRELA
N 43 - MARIA INÊS, casada com Auricélio Vital.
Pais de:
Bn 106 - José Maciélio
Bn 107 - Auricélio Vital Júnior
Bn 108 - Maurílio

F 27 - MARIA DE JESUS, casada com Sebastião Eustáquio do Espírito Santo, filho de José Eustáquio do Espírito Santo e de Francisca Teodora, funcionário (hoje aposentado) da Rede Ferroviária Federal, em Camocim, onde nasceram seus filhos. Para contar a história desse noivado, nada melhor que ouvir o próprio noivo: "Para dizer o meu primeiro encontro com Maria, tenho de dizer que entrei na Rede Viação Cearense em 1924, 3 vezes, e entrei 4 vezes. E a última vez que saí, embarquei para Fortaleza para conseguir uma colocação. Chegando em Sobral às 12 horas, para prosseguir viagem para Fortaleza, até às 6 horas, na minha permanência em Sobral fui me hospedar na casa do meu tio Manoel Romão da Ponte onde fiquei até a hora de partir para Fortaleza.

Em Sobral, na casa de meu tio, encontrei duas moças bordando na máquina. Conversando com ambas, fiquei sem nenhum pensamento em namoro, mas, recebendo das mesmas palavras carinhosas, fiquei numa situação vexatória, devido às amabilidades que recebia das duas moças; uma, era Maria e a outra, uma colega dela. Eu, querendo bancar o inteligente, disse para Maria, que era minha prima legítima, me ofereci para lubrificar a máquina em que ela estava trabalhando. E, por causa disso, compreendi a maneira agradável de Maria e daí começou nossa amizade. Quando cheguei em Fortaleza passei um telegrama para Maria, com apenas duas palavras: "saudade doida".

Demorei em Fortaleza apenas cinco meses, nos correspondendo. Quando voltei para trabalhar na Rede Viação Cearense, voltando a residir em Camocim, continuando a amizade com Maria. E o que é certo é que no dia 14 de julho de 1937, realizou-se o meu primeiro casamento. Resultado desse casamento: 8 filhos, sendo quatro Josés e quatro Marias. Todos foram batizados com uma única camisa. São eles:

N 44 - JOSÉ JOAQUIM (Quincas), funcionário da Rede Ferroviária Federal. Casado com Maria de Lourdes Nogueira, filha de José Lucas Nogueira e Raimunda Barreto Nogueira. Pais de:
Bn 109 - Emanuel
Bn 110 - Ana Lídia

N 45 - MARIA DO SOCORRO, funcionária do Curso de Odontologia da Universidade Federal do Ceará, cargo em que se aposentou. Casada com Raimundo José Tavares. Falecida em 14/03/94.

N 46 - MARIA ZÉLIA, professora normalista, casada com Antônio Carneiro Sobrinho, filho de Pedro Carneiro Sobrinho e Raimunda Carneiro Portela. Farmacêutico, funcionário aposentado do DNOCS, falecido a 13/10/92. Pais de:

Bn 111 - DIANA CLÁUDIA, bacharel em Turismo (Unifor), colaboradora deste trabalho, casada com Flávio Ricardo Pereira de Araújo, comerciante, filho de Geraldo Pereira de Araújo e Maria da Conceição S. Pereira.
Bn 112 - VIVIANE.
Bn 113 - RICARDO ÍTALO.

N47 - JOSÉ ESTÁQUIO NETO, engenheiro agrônomo. Residente em Chaval-CE, onde se casou com Disney Carneiro, filha de Raimundo Wilson Carneiro e Diva Thiers Carneiro. Pais de:

Bn 114 - IVANA MARIA, bacharel em Letras, pela UFC. Casada com Ricardo Almeida Magalhães. Pais de:
Tn 161 - Ricardo Eustáquio
Tn 162 - Rosana
Tn 163 - Marcelo

N 48 - MARIA VANDA, funcionária pública federal do Ministério da Educação.

N 49 - JOSÉ CARLOS, funcionário do Estado (SEDURB), casado com Francisca Liduína Soares, filha de Raimundo Soares Silva e Rosalba Carneiro Soares. Pais de:

Bn 115 - NATÁLIA, casada com Marco Antônio de Aguiar Carvalho. Pais de:

Tn 164 - Débora

Tn 165 - Michele

Tn 166 - Carla

N 50 - JOSÉ TARCÍSIO, médico veterinário, funcionário da Prefeitura Municipal de Fortaleza, casado com Maria de Lourdes Veras, filha de Francisco Veras e Elfa Veras. Pais de:

Bn 116 - LEONARDO

Bn 117 - JOSÉ TARCÍSIO FONTELES DO ESPÍRITO SANTO JR.

N 51 - MARIA DE FÁTIMA, graduada em Pedagogia.

Falecida sua primeira esposa em 1967, Sebastião contraiu novas núpcias em 1968, com Pedrina Correia, filha de Francisco Chagas Correia e Francisca Costa Correia.

F 28 - ANA JESSÉ FONTELES, sobre a qual o autor não obteve mais informações.

F 29 - ANTÔNIO AVELINO FONTELES (2º do nome), falecido aos 22 anos de idade.

F 30 - JOSÉ AVELINO FONTELES (2º do nome), falecido aos 21 anos de idade.

F 31 - MARIA DO CARMO FONTELES (Tia Maria), falecida.

F 32 - MARIA DA CONCEIÇÃO FONTELES (Dona Maria Avelino), reside em Santana do Acaraú, tendo auxiliado na administração paroquial durante muitos anos. É a única (Deus a conserve) remanescente do sexo feminino da numerosa irmandade.

F 33 - FRANCISCO AVELINO FONTELES (2º do nome), falecido aos 16 anos de idade.

Espontaneamente, por si ou por seus representantes, vieram-se recensear aqui 33 filhos, 51 netos, 117 bisnetos, 166 trinetos e 25 quadrinetos, totalizando perto de 400 descendentes de Joaquim Avelino Fonteles, sem contar os das filiações F6 e F8. Avelinos, Fonteles e Aguaslivrenses, sob a égide desta casa bicentenária que nos deu origem e cuja efígie, de lavra de uma descendente do 1º Fonteles aqui aportado, encerra essas notas.

A FAMÍLIA AVELINO FONTELES

(Desconhecimentos e Reconhecenças)

Desconheço a heráldica da nossa família. Mas não exagero em reconhecê-la armada sob o signo da água. Prestem bem atenção, senhores meus parentes, no significado da palavra "símbolo". Os antigos cristãos atemorizados pela fúria das perseguições, encontravam em objetos bem concretos feitos de metal, madeira, couro, uma espécie de senha para se reconhecerem intergrupalmente. Na reunião de formação das equipes de evangelização, os tais objetos, eleitos por consenso, eram divididos em tantas parcelas quantos fossem os membros do grupo.

A partir de então as reuniões só tomavam o caráter de livre discussão dos assuntos comuns, após todos e cada um dos membros ter lançado (falavam: *syn-balleyn,* no seu bom falar universal grego) sobre a mesa o seu pedacinho de contribuição que restituía assim a forma do objeto consensual primitivo.

Simples, mas bem bolado (*balleyn*), não?

Não sei mesmo se foi intencional, mas consta nas lendas de família. Vicente Ferreira Fonteles, o pai de Joaquim Avelino, em conversa com Justina (Justa?), sua mulher, debatia-se em dúvidas sobre que nome dessem ao menino recém-nascido. A mãe sustentava o partido do marido de Sant'Ana. O pai queria o de Diogo, nome do concunhado, marido de Encarnação. Ou seria o contrário? Como sabê-lo? A reiteração de apelidos Diogo na família dá uma didacologia (tratado de diogos). A solução adotada prevaleceu em homenagem à padroeira Sant'Anna, através do esposo Joaquim(*selbst viert*), temperada com o onomástico *ad-velinus*. Quando pedi ao Padre Zé Maria Costa para verificar na Cúria de Sobral o batistério do meu avô Joaquim Avelino, já lhe passamos o ano de seu nascimento (1847), arrimado na declaração de meu pai ao juiz Lima Botelho, de São Benedito, quando de habilitação para o casamento com minha mãe a 05/10/27, de que seu pai era homem de oitenta anos de idade. Quanto à data exata, demos uma solução mágica: apegamo-nos à lenda dos nomes e sugerimos 10 de novembro (dia de Santo André Avelino) e 13 de novembro (dia de São Diogo). Ah, os novembros em nossa família. Em um deles deveria ter nascido o patriarca Joaquim (padrinho Avelino, das Águas Livres), mas o amigo padre Zé Maria não teve sorte nas suas buscas. Pe. Sadoc nos prevenira de que os livros tinham-se molhado, ia ser difícil. Ah, os arquivos do nosso Ceará, descuidados os civis e os eclesiásticos menos um pouco. Desleixo *in utroque jure*, não tem outro nome.

Na vida dos Santos de Butler, percorremos com cuidado, os onomásticos novembrinos. Santo André Avelino, ressalta ao lado de Carlos Borromeu (de quem foi assessor em Milão). De Diogo no dia treze, entre outros. O do Avelino (latim: *ad velus*?) é superlativamente ilustre. Doutor *in utroque juri*, na pia batizou-se Lancelot, trocado depois para *Andreas* e Avelino, talvez pela cidade de procedência, Avellino, a leste de Nápoles. No nosso entender, alguma coisa a ver com velo, velocino (*Toison d'Or*, ordem nobiliárquica gaulesa). Douto e sofrente pela incompreensão dos contemporâneos, faleceu, nesta data, de 1608, ao pé do altar para a missa matinal, do que denominaríamos hoje de AVC hemorrágico, aos 89 anos.

Mitemas: como o de San Genaro em Nápoles, o sangue recolhido da epistaxe fatal borbulhava todos os anos no dia da festa. O Papa Pio VII, então cardeal, avoccato da diavolo no processo de canonização (1º quartel do setecentos) impugnou o fato como milagre. Não sei se Pio VII já entendia de enzimologia, o que diz-se dele muito a propósito é que desmistificava assim o clientelismo: Quando eu era Sílvio (Cardeal Piccolomini) ninguém me conhecia, hoje como sou Pio, todos me chamam *zio* (tio).

Mas voltemos à temática da água na família Fonteles. Nosso nome procede com certeza do povoado de Fontelo, do concelho de Meixomil, em Portugal, assim denominado pela presença de uma pequena fonte nas imediações da casa da família Pinto Ferreira onde nasceu o heptavô Manuel Ferreira Fonteles, chegado ao Aquiraz provavelmente em 1717. Era peão mecânico, perito nas artes da pecuária e de "todos os atos mecânicos dela decorrentes" (Pe. Sadoc de Araújo, op. cit.). Mas também notabilizou-se como administrador e político: vereador em Aquiraz, membro da Câmara (e seu procurador) de Sobral-CE. Adão do Vale do Acaraú.

E que água é essa? A mesma que casa com as supranominadas qualidades de lealdade, de prestimosidade, de transparência e de fidelidade. Em algumas biografias pode descambar para a questão da dignidade ou assumir fumos de fervor político ou religioso (neste caso é água em ebulição, mesmo, como veremos adiante).

O PÁRVULO RAIMUNDO

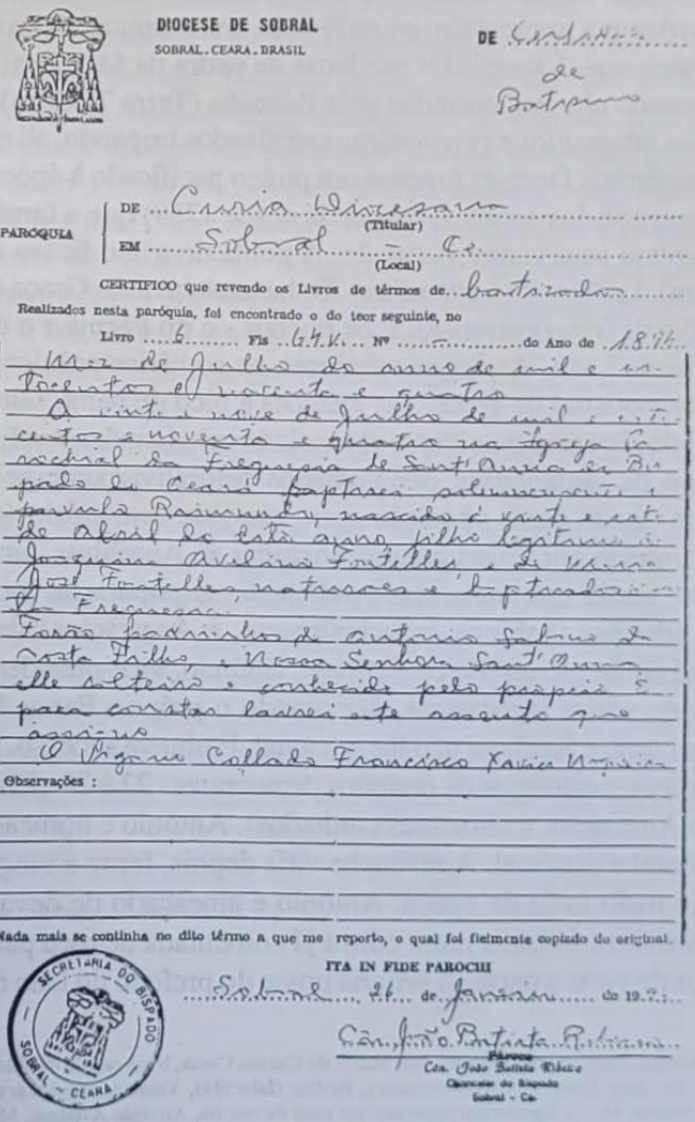
Assim diz a certidão de batismo: a 28 de abril, baptizei solemnemente o párvulo (pequeno) Raimundo. E meu pai assinaria em baixo, fã só da pompa dos sacramentos. Tão em baixo que, mesmo a data de seu nascimento, ele a acreditava mais recuada: 20 de abril, ou mesmo de março, me disse ele mais de uma vez. Estas imprecisões eram comuns então. Já falei de sua boa memória para fatos históricos. Só com o primariozinho malfeito do mestre... (perquiro com atenção o nome deste mestre), no alpendre da fazenda Águas Livres aprendeu aritmética, cantando a tabuada, o que o credenciou à Tesouraria da Mesa de Rendas de São Benedito. Por tricas políticas (mesmo que a elas fosse alheio), perdeu o cargo que "mais o honravas do que ele a ti" (carta do Diretor do Tesouro do Estado, Tomáz Gomes da Silva). Enfrentou dificuldades várias. Recém-casado, operando no comércio, por lealdade aos amigos, com uma faixa de risco em dívidas ativas muito acentuada, abriu falência, mas com uma dignidade que perpassou todos os problemas e saldou todos os seus compromissos, permitindo, ao cabo de uma adversa década, enfrentada com paciência e trabalho, reabili-

tar-se totalmente no comércio que foi a sua profissão, honrada pelo resto de sua vida. Dos filhos, malgrado seu, nenhum seguiu-lhe os passos profissionais no comércio em que granjeou o respeito e amizade dos seus co-munícipes que o elegeram vereador, à revelia quase da sua vontade, em reserva sempre, para si, do mais modesto dos lugares na sociedade. Isto não significa dizer que fosse anti-social. Pelo contrário, décadas a fio, participou ativamente da diretoria do Tabajara Sport Club, chegando até a gerenciar (por arrendamento) o bar da instituição cinqüentenária da sociedade beneditense. Esqueço quase de falar que morou em S. Benedito mais de 50 anos (1913-64). Na retidão do caráter e na religião dos seus maiores, ajudado por sua esposa, educou sete filhos que, hoje, ao lado de nossa mãe, graças a Deus nos sentimos bem encaminhados na vida e fiéis ao seu exemplo.

Sem ser chegado a fofocas, à volta de uma boa conversa, em seu estabelecimento comercial, formou-se uma autêntica confraria a se reunir diariamente: João Gualberto, Gustavo Marques, Pedro Feliz (de quem foi sócio), Brisamar, Mano Salmito, Zé Torquato, Zé Pompílio e o Joaquim Otacílio (aparecia todo dia) e o Hamilton de vez quando. Em auto-ironia, se denominavam o Banco da Besteira. E à noite, nossa roda de calçada ia até às dez: Paulo Banhos, Tio Toinho, às vezes Alberto Oliveira e os Chicos Sabino e de Paiva. Posso vê-los mentalmente no céu em alegres convescotes, certamente abençoados por Deus e "bonitos por natureza", a brincarem "nos campos do Senhor...".

Dia 26 de janeiro de 1917: Na rampa da Praça do Patrocínio, o bonde nº 2 da Companhia Ferro-Carril Sobralense desgoverna-se, perde o freio e se choca com o bonde nº 1, provocando pânico entre os passageiros, dos quais alguns saíram feridos, dentre eles Raimundo Avelino Fonteles, comerciário, de 22 anos de idade, residente em São Benedito. O "caso" deu-se assim: A mando do irmão, Antônio, Raimundo Avelino viajava a Sobral para embarcar algumas mercadorias para a loja em São Benedito. A seca de 1915 ensejara, claro, uma calamidade social sem precedentes no século, mas pelo menos dois aspectos positivos se podiam contar, verdadeiros salvados de incêndio: o avanço dos trilhos da Estrada de Ferro de Sobral (trecho Camocim-Ipu) rumo à Ibiapaba e o barateamento dos fretes, sobretudo de produtos agrícolas, provocando autêntica superlotação dos armazéns em Camocim e Sobral e nas estações miliárias. A viagem de Raimundo pretendia, supomos, sortir a loja de tecidos e diversificá-la com outros gê-

neros, aproveitando as tarifas favoráveis. Raimundo estava satisfeito. Antônio amargara com o desfecho da sedição de Juazeiro. Mas havia algo no ar, além dos Graf-Zeppelins, sugerindo redobrar esforços que a vitória se avizihava. Efetivamente, a década de vinte lhe sorriu com duas vitórias sucessivas nos planos estadual e municipal.



DIOCESE DE SOBRAL
SOBRAL . CEARA . BRASIL

DE Camocim
de
Batismo

PARÓQUIA
DE ...Camocim... (Titular)
EM ...Sobral... Ce. (Local)

CERTIFICO que revendo os Livros de têrmos de...batismos...
Realizados nesta paróquia, foi encontrado o do teor seguinte, no
Livro ....6..... Fls ..64.V.... Nº .....do Ano de .1894.

Mez de Julho do anno de mil e oi-
tocentos e noventa e quatro
Aos vinte e nove de Julho de mil e oi-
centos e noventa e quatro na Egreja Pa-
rochial da Freguezia de Sant'Anna de Bi-
pada do Ceará baptisei solemnemente e
puz o nome Raimundo, nascido a vinte e oito
de Abril do dito anno filho legitimo de
Joaquim Avelino Fonteles e de Maria
José Fonteles, naturaes e baptisados n
da Freguezia
Foram padrinhos de antonio Sabino de
Costa Filho, e Nossa Senhora Sant'Anna
elle solteiro e conhecido pelo proprio e
para constar lavrei este assento que
assigno
O Vigario Collado Francisco Xavier Moreira

Observações :

Nada mais se continha no dito têrmo a que me reporto, o qual foi fielmente copiado do original.

ITA IN FIDE PAROCHI

Sobral, 24 de Janeiro de 19.?..

Cón. João Batista Ribeiro
Párocos
Cón. João Batista Ribeiro
Chanceler do Bispado
Sobral - Ce.

SECRETARIA DO BISPADO
SOBRAL - CEARÁ

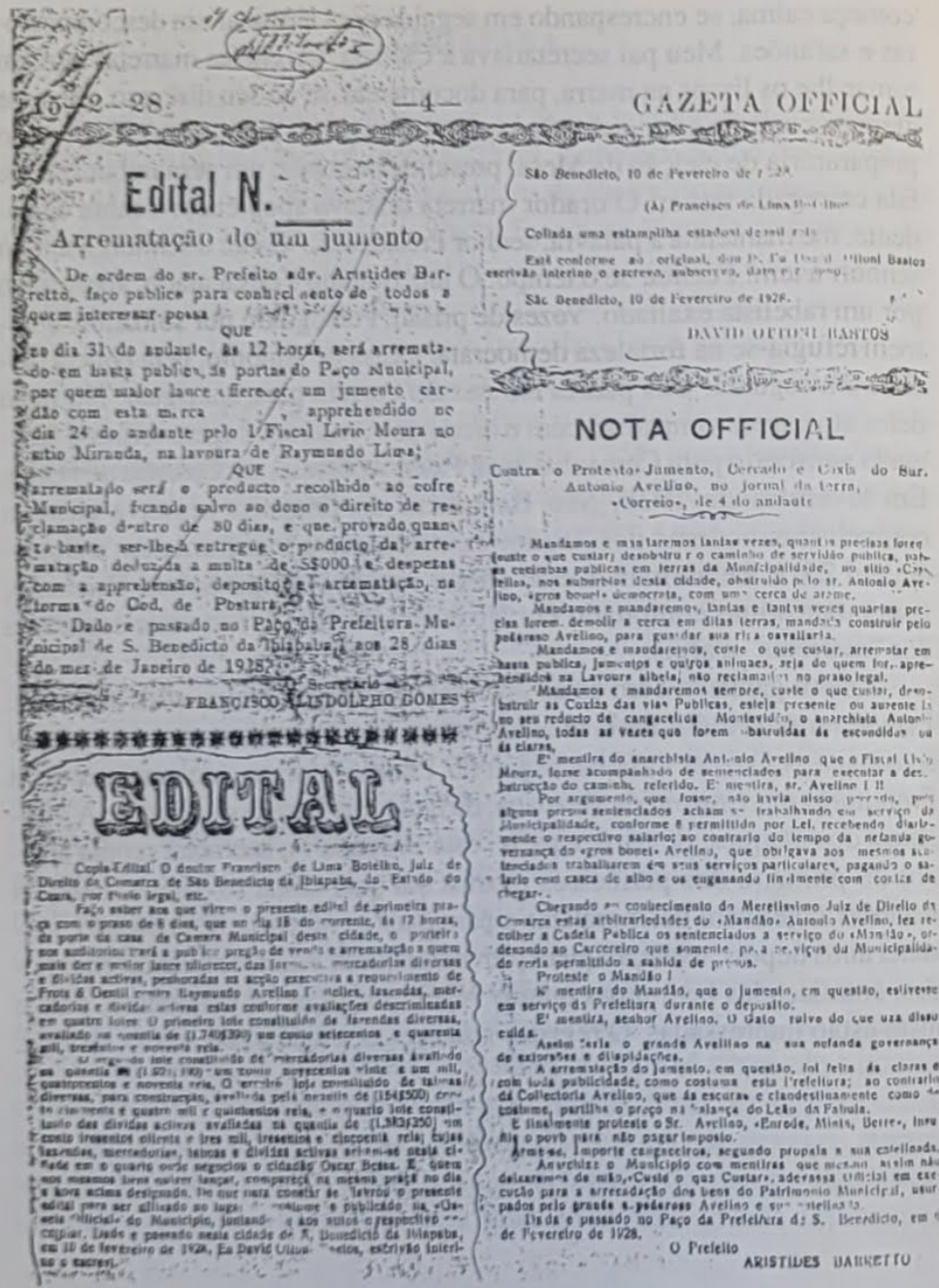
NA IBIAPABA

A serra azula mesmo no horizonte, os largos horizontes dos sertanejos que avistam o poente para os lados do Piauí. Autêntico berço das raízes do Ceará, a Ibiapaba foi bafejada pelos sermões de Vieira, do púlpito da Viçosa e fecundada pelo sangue mártir do Padre Francisco Pinto (o amanaiara dos reriús). Perdoem a imprecisão: os reriús não eram tapuias e sim tremembés e mal falavam tupi. Escondidos nas locas de pedra da Meruoca, patrocinavam, de quando em vez, correrias pela Ibiapaba (Terra Talhada), com muitos escalpos arrancados e prisioneiros sacrificados brigando, ali na hora. Foi para este autêntico faroeste (apenas um pouco pacificado à época pela ação já quase apagada dos jesuítas, fora de lá desde 1759) que a família Avelino Fonteles voltou suas vistas. A cavalo. A ponta do trilho ficava no Sinimbu (Amanaiara). Ladeira da Lapa acima. Tinha também a do Graça (a da Apertada Hora) a da Vila (Formosa). E os riachos - o do Pacujá e o dos Oitis na beira da rua da Lapa. As festas religiosas, os comícios políticos, que apogeu, que despotismo de gente, nas eleições a bico de pena, saindo de tudo quanto é lado. Foi esse o universo vivenciado pelos irmãos Avelino Fonteles e seu grupo de santanenses, denominados pejorativamente pela oposição (desculpem, quem fazia oposição eram eles) de Avelinório (faz lembrar *Hitlerei*, cunhado por Freud para menoscabar ao Anschluss, em 36). Antônio Avelino sentiu que tinha apoio suficiente na população local e no seu grupo de ádvenas (Sabinos, principalmente, e Anastácios) de desafiar o poderio até então inconteste do Coronel Tibúrcio, vice-presidente do Estado, deputado várias legislaturas, derrotando o próprio Farias Brito, numa cidade que como a Avelino, não lhe era natal. E obteve sucesso, impondo ao adversário dois quadriênios de prefeitos democratas - 22 a 28 (Chico Sabino[3] e Cândido Anastácio, ambos seus cunhados). Antônio é nomeado e nomeia coletor federal e estadual. A revanche viria depois, feroz e vingativa, como era a praxe meio índia da época. Antônio é ameaçado de devassa. Requerem-lhe também a falência junto com a já comentada de meu pai Raimundo. Há desafios de parte a parte. A própria posse do prefeito do lado dos marretas

(3) Francisco Sabino Pessoa Costa, casado com Maria do Carmo Costa, irmã caçula de Hilda Costa Fonteles (vj. F 3) Pais de: José Francisco (comerciante), Dedita (falecida), Valdeci, funcionária aposentada do Ministério da Saúde, Maria Aparecida (educada em casa de seu tio, Antônio Avelino), Mansueto (médido em Fortaleza) e Maria Bernadete (funcionária do SENAC).

começa calma, se encrespando em seguida para terminar em descomposturas e safanões. Meu pai secretariava a Câmara. Os chefes marretas querem tomar-lhe os livros na marra, para documentar-se no seu discurso, cheio de ataques contra a administração recém-falecida dos democratas. Era sessão preparatória de eleição da Mesa, presidida pelo juiz, um pernambucano, de fala carregada nos rr: O orador marreta bradava apoplético: Senhor Presidente, me mantenha a palavra, senhor Presidente. - E ele: o senhorr a tem, o senhorr a tem! Fechou-se o tempo. O juiz Botelho é desacatado, aberturado por um rabelista exaltado. Vozes de prisão. Perseguido por soldados, o homem refugia-se na fortaleza democrata: a casa de Antônio, pela polícia cercada em seguida. Uns padres em missão correm para apaziguar. No meio deles um parece simpatizar com o credo dos Avelinos: sugere retirar o refugiado num cesto para Carnaubal, qual Paulo Apóstolo, em Cesaréia de Felipe. Em fevereiro de 1928, São Benedicto da Ibiapaba hesitava entre o coronelismo moderno dos Avelino Fonteles, que a transformaram em cidade, em 25, e lhe abriram acesso para o mundo, via Ipu-Sobral-Camocim, com empréstimo contratado em Nova Orleans-EUA, e o mais carancista dos "marretas" e afins.

Quem ganhava com estas querelas era possivelmente só a imprensa. Para se ter uma idéia, nesta recuada época, São Benedito tirava dois jornais semanais: A Gazeta Official, órgão do Partido Marreta (nominalmente da Prefeitura) e o Correio da Ibiapaba, dirigido por Batista da Páscoa. A virulência dos ataques, de parte a parte, está ilustrada no exemplar (cópia abaixo) do primeiro dos periódicos citados em que, numa só página, todas as matérias objetivam desmoralizar a parcialidade rabelista. É arriscado, sessenta anos depois, avançar quem provocou quem. Aliás, as famílias envolvidas, entrelaçadas bem umas quatro vezes, por laços de casamento, pouco nisto estão interessadas. O registro visa apenas o lado pitoresco da história.



—4— GAZETA OFFICIAL

Edital N.

Arrematação de um jumento

De ordem do sr. Prefeito adv. Aristides Barretto, faço publico para conhecimento de todos a quem interessar possa

QUE

no dia 31 do andante, ás 12 horas, será arrematado em hasta publica, á porta do Paço Municipal, por quem maior lance offerecer, um jumento cardão com esta marca , apprehendido no dia 24 do andante pelo 1º Fiscal Livio Moura no sitio Miranda, na lavoura de Raymundo Lima;

QUE

o arrematado será o producto recolhido ao cofre Municipal, ficando salvo ao dono o direito de reclamação dentro de 30 dias, e que, provado quanto baste, ser-lhe-á entregue o producto da arrematação deduzida a multa de 5$000 e despezas com a apprehensão, deposito e arrematação, na forma do Cod. de Posturas.

Dado e passado no Paço da Prefeitura Municipal de S. Benedicto da Ibiapaba, aos 28 dias do mez de Janeiro de 1928.

Secretario

FRANCISCO LUSDOLPHO GOMES

EDITAL

Copia-Edital. O doutor Francisco de Lima Botelho, Juiz de Direito da Comarca de São Benedicto da Ibiapaba, do Estado do Ceara, por Ponto legal, etc.

Faço saber aos que virem o presente edital de primeira praça com o praso de 8 dias, que no dia 18 do corrente, ás 12 horas, da porta da casa da Camara Municipal desta cidade, o porteiro dos auditorios fará a publico pregão de venda e arrematação a quem mais der e maior lance offerecer, das seguintes mercadorias diversas e dividas activas, penhoradas na acção executiva a requerimento de Frota & Gentil contra Raymundo Avelino Botelho, fazendas, mercadorias e dividas activas estas conforme avaliações descriminadas em quatro lotes: O primeiro lote constituido de fazendas diversas, avaliado na quantia de (1.740$390) um conto setecentos e quarenta mil, trezentos e noventa reis.

O segundo lote constituido de mercadorias diversas avaliado na quantia de (1.572$190) um conto quinhentos vinte e um mil, cento e noventa reis. O terceiro lote constituido de taboas diversas, para construcção, avaliada pela mesma de (154$500) cento e cincoenta e quatro mil e quinhentos reis, e o quarto lote constituido das dividas activas avaliadas na quantia de (1.803$250) um conto trezentos oitenta e tres mil, trezentos e cincoenta reis; todas fazendas, mercadorias, taboas e dividas activas acima descriptas em o quarto outro seguinte o citado Oscar Bezerra. E' quem mais maiores lances quizer lançar, comparece na mesma praça no dia e hora acima designado. E para que nesta constar se lavrou o presente edital para ser affixado no lugar costumado e publicado na «Gazeta Official» do Municipio, juntando-se aos autos o respectivo exemplar. Dado e passado nesta cidade de S. Benedicto da Ibiapaba, em 10 de fevereiro de 1928. Eu David Ottoni Bastos, escrivão interino o escrevi.

São Benedicto, 10 de Fevereiro de 1928.

(A) Francisco de Lima Botelho

Collada uma estampilha estadoal de mil reis

Está conforme ao original, que P. Fe David Ottoni Bastos escrivão interino o escrevo, subscrevo, datto e assigno.

São Benedicto, 10 de Fevereiro de 1928.

DAVID OTTONI BASTOS

NOTA OFFICIAL

Contra o Protesto-Jumento, Cercado e Coxia do Snr. Antonio Avellino, no jornal da terra, «Correio», de 4 do andante

Mandamos e mais taremos tantas vezes, quantas precisas forem (custe o que custar) desobstruir o caminho de servidão publica, pelas cacimbas publicas em terras da Municipalidade, no sitio «Coxilas», nos suburbios desta cidade, obstruido pelo sr. Antonio Avellino, «grosso boiero» democrata, com uma cerca de arame.

Mandamos e mandaremos, tantas e tantas vezes quantas precisas forem, demolir a cerca em ditas terras, mandada construir pelo poderoso Avellino, para guardar sua rica cavallaria.

Mandamos e mandaremos, custe o que custar, arrematar em hasta publica, jumentos e outros animaes, seja do quem for, apprehendidos na Lavoura alheia, não reclamados no praso legal.

Mandamos e mandaremos sempre, custe o que custar, desobstruir as Coxias das vias Publicas, esteja presente ou ausente o seu reducto de cangaceiros Montevidéo, o anarchista Antonio Avellino, todas as vezes que forem obstruidas ás escondidas ou ás claras.

E' mentira do anarchista Antonio Avellino que o Fiscal Livio Moura, fosse acompanhado de sentenciados para executar a destruicção do caminho referido. E' mentira, sr. Avellino ! !!

Por argumento, que fosse, não havia nisso peccado, pois alguns presos sentenciados acham-se trabalhando em serviço da Municipalidade, conforme é permittido por Lei, recebendo diariamente o respectivo salario; ao contrario do tempo da retanda governança do «gros boeiro» Avellino, que obrigava aos mesmos sentenciados trabalharem em seus serviços particulares, pagando o salario com casca de alho e os enganando finalmente com cortes de chegar.

Chegando ao conhecimento do Meretissimo Juiz de Direito da Comarca estas arbitrariedades do «Mandão» Antonio Avellino, fez recolher a Cadeia Publica os sentenciados a serviço do «Mandão», ordenando ao Carcereiro que somente para serviços da Municipalidade seria permittido a sahida de presos.

Protesto o Mandão !

E' mentira, senhor Avellino. O Gato roivo do que uza disso cuida.

Assim teria o grande Avellino na sua nefanda governança de extorsões e dilapidações.

A arrematação do jumento, em questão, foi feita ás claras e com toda publicidade, como costuma esta Prefeitura; ao contrario da Collectoria Avellino, que ás escuras e clandestinamente como de costume, partilha o preço na balança do Leão da Fabula.

E finalmente protesto o Sr. Avellino, «Enrode, Minis, Berre», intimido o povo para não pagar imposto.

Arme-se, Importe cangaceiros, seguindo propala a sua catelinada.

Anarchisa o Municipio com mentiras que mesmo assim não deixaremos de não, «Custe o que Custar», adevassa official em execução para a arrecadação dos bens do Patrimonio Municipal, usurpados pelo grande e poderoso Avellino e seus cattelinas.

Dada e passado no Paço da Prefeitura de S. Benedicto, em 9 de Fevereiro de 1928.

O Prefeito

ARISTIDES BARRETTO

ANTÔNIO, O PRECURSOR

Quando tio Toinho nasceu, (28/11/88), governava o Ceará o paulista Caio Prado. Penúltimo dos presidentes imperiais, foi, à pouca, só por isso, que marcou época na Fortaleza do Ceará em fatídicos treze meses de governo (25.04.88 a 25.05.89). O homem era um autêntico dândi. Amante das artes, os serões do Palácio da Luz, iluminado então a combustores de gás, varavam a madrugada. Estruturalista por antecipação, sua plataforma de governo revelava agudo "feeling" social. A viação férrea e a açudagem, como carros-chefe para combater a miséria no campo, fixando o homem em seu *habitat* natural, quando não possível demovê-lo da sedução amazônica (até tio José Avelino foi acometido pela febre da borracha, curtindo efêmero exílio no Amazonas). Prado sonhava com a integração "rail way" das serras úmidas com o sertão exaurido (boa parte de sua curta gestão decorreu na terrível seca dos três oito) e os portos do litoral (Camocim se inaugura estação de trem em noventa, trinta anos depois de mandar o primeiro vapor direto a Liverpool). Mas parcas ciumentas certamente haviam conjurado o destino do apreciado das moças da Fortaleza, em seu *footing* diário pelas tardes do Passeio Público. O moço paulista nos seus verdes 35 anos, foi acometido de fulminante virose hemorrágica.

Encimando seu túmulo (as últimas pompas fúnebres do Ceará província) a coluna dórica partida em memória do improviso e subitâneo êxito, como se, atingido por um raio, em pleno ato de construir a recôndita Fortaleza do Ceará. *De caelo tacto*, como Rômulo, *in urbe condita*.

Através de cantadores de porta de feira (autênticos rapsodos nordestinos), os fatídicos acontecimentos chegaram aos alpendres da casa grande da fazenda das Águas Livres, embalando (e embaindo) o sono do infante Antônio, irmão de José e Vicente e de mais uma trintena de párvulos e párvulas, cujos quantos pôde, carregou lá prá cima da Serra Grande de São Benedito. É ele o cavaleiro exausto que adentra a vila de São Benedito, pouco mais ou menos em junho de sete, pelo Beco do Humaitá, então um arruado assimétrico de palmeiras buriti fustigadas pelo vento. O frio vento de junho em tardes de fins d'água, carregado de flebótomos, parentes próximos daqueles mini-coriscos que fulminaram Caio Prado. Mais com pouca, as chamas das lamparinas vão conjurá-los para os grotões e capembas de palmeiras onde reproduzirão os atacantes da tarde seguinte, num ciclo

inquebrantável. O peso desses bichinhos no imaginário popular traduz-se até na toponímia: São José da Mutuca, Meruanha, os Potós. A Juçara é mais um fungo ou talófito, talvez.

Assim, meio de chofre, o problema principal que afrontava o homo politicus Avelino na tarde de sua chegada a São Benedito, nos albores do século, era o das endemias, superlativa e pleonasticamente, endêmicas por lá. Padre Custódio será constante confidente neste particular. Lá está ele, capa de asperges e véu umeral, vai dar a bênção do Santíssimo na Matriz, acolitado pelos meninos do "seu" Miró. As filhas de sua irmã Rosinha entoam o *Tantum ergo*, lindíssimo poema de autoria do suave Aquinate (aliás é um fecho do Pange lingua).

"*Et antiquum documentum, novo cedat ritui*", se soubesse latim, Antônio tê-lo-ia adotado por lema para seu programa de vida daí por diante. A cabeça súplice perde-se em divagações e o cansaço fecha-lhe as pálpebras (a mãe deitando-lhe a bênção na hora da partida, no calçadão da casa das Águas Livres): a estada em Sobral, a carta paterna de recomendação, a tímida enturmação com os amigos do irmão José e a difícil decisão de escalar a cordilheira.

Nobis datus, nobis datus - as meninas do "seu" Zuza, lá no coro, elevam o tom (a voz de uma delas, Dedita, encanta-lhe de modo especial, acordando arroubos juvenis ou reminiscências de furtivas conquistas. *Novem deciduanni non lacrimant* (aos 19 anos não se chora). - Cabeça erguida, olhar pra frente, Antônio, há muito o que se fazer nessa terra, deixe o namoro pra mais adiante que tem tempo (aliás, não tem: durante o noivado, falece Dedita, deixando o pai Zuza inconsolável e ao noivo também, mas, ante o irrecorrível, o que fazer! pede a mão de Hilda, a irmã do meio). Arranchado na única pensão da vila, ele trouxe algumas peças de fazenda, dadas para vender pelo irmão Zé Avelino. De saída, o obstáculo de conseguir a licença através da sonolenta burocracia da Intendência (tenho impressão que não era "seu" Zuza o Intendente nesse tempo, não é possível), entregue à alternância monótona entre as parcialidades "minu" (Pompeus e Aciolis) e cafinfins (no dialeto local "pechilingas"). Com seu futuro sogro, Avelino troca idéias, com argumentos irrespondíveis: - Esta terra não tem progresso não? - Tem. Uma agência dos correios... (a gerente, Dona Maria Augusta), telégrafo (desde 1902), uma escola para meninos (funcionando) e outra para meninas (vaga), Dona Maroca Perdigão só vai chegar daqui uns meses...). Os cartórios de Raimundo de Paula e Francisco Onias (o filho, Juca, tem tido prejuízo com as criações, comidas pelas onças, na Macambira do Sertão de Dentro, talvez se mude pro Pará, como os manos Eurico e Álvaro), seu Zuza (José Francisco Valeriano Costa), tenta mudar de assunto: - Você parece que está com uma das vistas inflamada?! Passe na botica de João Carapeba. Agora, se for tracoma, só sai com bastante vitríolo...

Implacável, Antônio retoma a catilinária:

- Em trinta e cinco anos de município, é muito pouco!

A displicência ao conselho do sogro vai-lhe custar uma blefarite que, muito tempo depois, ainda o ouvi tentando combater (oh! dona Hilda, onde está o colírio que me deram no posto?). Eram os novos tempos do Padre Coutinho, dotando São Benedito de Medicina Preventiva e Social (postos de tracoma e bouba, lactários, pré-natais, posto de puericultura na Elebeá, disciplina de puericultura na Escola Normal Rural, maternidade etc.). Nascia uma consciência imuno-preventiva e o vestígio mais marcante são as escarificações anti-variólicas nos braços dos daquela geração.

Até então, morbidade e mortalidade eram altas (leishmaniose, tuberculose, treponematoses). Até de parto se morria. Distócias ocasionando benjamins e benjaminas, a suscitar (talvez por isso) vocações para a Obstetrícia, entre os jovens acadêmicos da São Benedito de então.

Do ponto de vista fisiográfico, a localidade aparentava refratária a mais mazelas. O testemunho é de Antônio Bezerra: "...assentada numa chapada com diversas ruas, que correm de nascente a poente, se bem que com alguns intervalos sem edificação.

As casas são de excelente aparência, apresentando apenas algumas as frentes pintadas de cores alegres, cuja tinta é extraída de uma massa fina que o povo dá o nome de tauá" (3) E também era de se esperar que a catequese jesuítica remontando a princípios do século dezoito, já tivesse implantado no seio da comunidade hábitos preventivos que se contrapusessem, de certa forma, ao agravamento destes flagelos. "São Benedito, antigo aldeiamento de índios" (é ainda Antônio Bezerra que depõe), "catequizados pelos jesuítas em princípios do século (XVIII) passado, começou a ser povoado regularmente no fim do mesmo século, por iniciativa do índio Jacó".

"Tinha Jacó particular veneração a São Benedito, e todos os anos solenizava convenientemente a festa do santo em sua própria cabana onde se reuniam os índios da vizinhança. Depois das novenas, rompia a dança do

torém e o cauim saciava a sede dos convidados...". Essa cabana ficava ao lado de umas laranjeiras, que ainda hoje (1882) existem e se vêem do quintal do senhor Francisco Cassiano do Amaral... "O Vigário de Viçosa, Padre Felipe Benício, (5) de quando em vez aparecia no nascente arraial, celebrava missa e desobrigava os moradores do preceito quaresmal, até que em 1847 para aqui veio residir o Revdo. João Crisóstomo de Oliveira Freire. Este fez quanto em suas forças cabia para levantar o povoado, principalmente pela suntuosidade das festas do padroeiro, mandando vir da cidade de Sobral música e outros preparos indispensáveis e não se poupando a sacrifícios para torná-las concorridas o mais possível."

"Ao nascente da vila (e aqui chegamos ao ponto nevrálgico da insalubridade dos sacos de serras) a cordilheira da Ibiapaba descreve um grande arco, a cujas extremidades se prendem por contrafortes a serra Morgado pelo norte e Serrinha pelo sul". Como ensinam os tratadistas, ótimo refúgio para o veículo dos agentes das treponematoses.

Neste autêntico anfiteatro (aqui no caso mais de patologia que de anatomia) se localizam os arruados do Graça e da Lapa, com o Pacujá, 12 quilômetros além.

Os opimos terrenos sedimentares de São Benedito é que atraíam os sertanejos (como estas levas de santanenses que aqui se radicaram) para dar vasas a sua atávica vocação de lavradores de terras. Antônio Avelino vai se estabelecer no terreno do sítio Ipanema, que pertencera a Luiz José de Miranda, chefe dos índios e capitão auxiliar de polícia (patente conferida em 1841, (6) pelo presidente Sousa Martins, grato pelo combate aos balaios). O sítio distava pouco mais de um quilômetro da vila, ao poente do histórico riacho Arabê.

(4) Notas de Viagem - Note da Província do Ceará.
(5) Presidiu a célebre Comissão Matuta do Icó. Natural do Rio Grande do Norte, igualmente ao Padre João Crisóstomo de Oliveira Freire, seu coadjutor.
(6) Ofício de 27 de julho de 1841 ao Ministro da Justiça, Paulino José de Souza.

Sem a mínima inibição para adentrar gabinetes de altos escalões, morando em Fortaleza, na Sena Madureira, próximo ao Palácio da Luz, toda tarde, interrompia-se, no meio da conversa na mercearia Bragantina (do seu sobrinho José Francisco): Vou já tomar um cafezinho com o Raul... E lá se ia, dobrando, com tapinhas nas costas ("o respeito continua..."), resistências iniciais de seguranças e áulicos (depois já conhecendo como Raul Barbosa o distinguia, abriam-lhe a porta). Raul ouvia-lhe muito e, quando presidente do BNB, acatou-lhe as indicações para cargos que não dependiam de concurso. Na visita ao Ceará do candidato Juscelino fazia-lhe as apresentações dos outros chefes políticos interioranos, na casa de Audísio Pinheiro, em Jacarecanga, com uma desenvoltura que lembrava ao anfitrião os grandes "capi" mineiros...(7)

Em certa época, aficionou-se ao prado de corridas de cavalo, mas a sua predileção mesmo era para as pompas da política e da religião. Estou a vê-lo contemplar interessado, cotovelos apoiados na balaustrada de sua janela, o aprontamento do altar em frente à sua casa, para a bênção da procissão do Corpo de Deus. Alvos lençois à guisa de toalhas, salpicados de ramos de bambu e mini-ramalhetes, o ar impregnado de jasmin-laranja. Tudo muito bonito. Buscava-se agora um voluntário para encarapitar o tronete lá em cima onde deveria ficar o Santíssimo. Entre divertido e aflito, tio Toinho interrompe em voz alta: A Lolô não, que a Lolô tá sem calça... - cumprindo à risca a prescrição levítica de não medeiar mais de 7 degraus entre altar e nível dos fiéis "para não expor a nudez" dos oficiantes. Do alto dos 50 anos de casa, a criada velha devolvia-lhe o desaforo, a cabeça num infalível tremor de intenção que se estendia ao sincopado das sílabas: - Este cumpade Antõi parece que tá é caduco... Quem foi aqui que falou em se atrepar no altar?

- Não é isso não, comadre Luiza. É que você pode levar uma queda nesses caixotes, desprevenida, e aí não fica bem... Seguramente, com ele por perto do camarote da Sapucaí, inexistiria o episódio Lilian Ramos.

(7) Interessante registrar que, em uma destas vilegiaturas políticas, elegeu, pela vistosidade, o Cadilac do sobrinho, Chagas Oliveira, como seu veículo oficial, imperialmente acomodado no banco de trás, fez questão que Oliveira lhe fizesse as honras, abrindo-lhe a porta, diante dos olhares curiosos dos anfitriões.

De um outro vizinho, conhecido por sua irreligiosidade (a despeito de também enfeitar de pétalas a passagem do Santíssimo), comentava: - Ele tá fazendo o cálice da amargura...

E, de quando em vez, intercalava os seus cismares, com suspirações do muito infortúnio com que a política lhe regalou: Ah, se eu fosse... Quem estava por perto, curioso, indagava? - O que, Antônio?... - Ah, se eu fosse senador. Incluindo de preferência a si mesmo, nunca abdicou do direito de rir da humanidade (soi-même, en tête). Certa ocasião, seu compadre, Coronel José Roberto Cavalcante, lhe confidenciou, cheio de "cavacos": - Antônio, passaram dizendo no beco que você era ladrão!

E meu tio: - ...de bode.

José Roberto volta à carga: Antônio, eu estou falando com você. Hoje de manhãzinha, passaram dizendo que você era ladrão. Lá no beco!!!

Tio Toinho, imperturbável: ...de bode.

- De bode e de tudo, impacienta-se Zé Roberto.

Às tardes das primeiras chuvas, freqüentemente, passavam em demanda ao sertão, boiadas capitaneadas pelo aboiador (munido do competente chifre)-vaqueiro. Atraído pelo espetáculo, meu tio convocava-o à sua janela, em tom não propriamente inamistoso: - Oh, fii de 60, vem cá.

E crivava-o de obviedades, tipo: - Dentro do rii, tá molhado?

Quando percebia-o interessado, pelo modo de escanchar-se na sela, em prolongar a conversa, o tio despachava-o rápido, estendendo-lhe displicente a mão: - Então, diga-me adeus. O atônito interlocutor murmurava ainda algumas palavras de despedidas, rematadas sempre por tio Toinho: - Breve regresso à pátria querida.

Mãe Luiza (ou comadre Luiza) era preta velha da criadagem do "seu" Zuza (sogro de Antônio Avelino). Se nascera livre (como se contava) no dia do casamento do coronel Tibúrcio Gonçalves de Paula (que fez Bodas de Ouro em 25), viveu quase noventa anos, sempre em casa da família de Tia Hilda. O que é fato é que, mãe de criação dedicada do Majela, implicava com quem quer que ameaçasse disputar com ele as afeições paternas. E lá se ia, devota das nove primeiras sextas-feiras, toalhinha bordada cobrindo displicentemente a carapinha, confessar, não os seus, mas os pecados destes pretensos rivais...

Guardiã da despensa, tinha um apetite um tanto bizarro, exagerando em sobremesas de tutano com rapadura, o que talvez tenha acelerado o

processo de esclerose em que já a conheci.

Encarregava-se de preparar o de comer dos eleitores quando dava vasas a toda sua "imperosidade". Outros dias de glórias seus eram os da semana santa, quando discriminava a retribuição aos jejuns: ovos e beijus, com uma cuia de farinha. Queijo e bolinhos tinham a mesma cotação que uma manta de carne seca, esta rigorosamente coibida na quaresma.

Devo indiretamente a esta boa velha parte do meu precoce interesse jornalístico. É que ela juntava, para vender no peso a meu pai, os jornais de Fortaleza assinados pelo tio Toinho. Foi assim que acompanhei toda a campanha de Raul Barbosa a disputa de Armando com Sarasate pelo governo do Ceará, uma das maiores frustrações da minha infância (a vitória das Oposições Coligadas em que eu enxergava apenas os esbulhadores do cargo público do meu pai). Em respeito aos pios ouvidos, valho-me de novo do francês como cordial para um dos impropérios preferidos do tio Toinho. Já montado para ir aos Mirandas, quando se lembrava da cabeça descoberta "no tempo": "Oh, Lolô, vai buscar meu *cachecul*".

FAC CUM SERVIS TUIS SECUNDUM MISERICORDIAM TUAM

"De um lado a estrela eterna, do outro a vaga incerta..." - Cecília Meireles, in "O Mar Absoluto".

"Colocando os sepulcros nas mãos dos deuses, a religião obriga a inimiga a se transformar em irmã. Livres para morrer, os homens estariam livres para viver". - Rubens Alves, in "O que é a Religião".

"Entre as casas dos deuses e as casas dos mortos, brilha a esperança da vida eterna, para que os homens se reconciliem com a morte e sejam libertados para viver". - Rubens A. Alves (op. cit.)

Se tivesse de propor um brasão provisório para os Fonteles, nenhum me parecia tão apropriado como o do Estado de Alagoas. Mantidos a água corrente e os peixinhos, em campo azul, trocaria então o dístico "Alagoa australis" por algo bíblico, tipo *fons vivus, ignis charitas*. Não já referi meu pai contar, à sobremesa familiar, a *buena dicha* que lhe preconizou radioso futuro no mar. segundo palavras de uma cigana aportada ao pátio das Águas Livres? Entre cético e gozador, dava azo a repetidas subjunções: "Ah, se eu tivesse embarcado para o sul, quando me convidou o meu amigo Filomeno..."

Outra de suas constantes referências era o "açude" aonde ia com o caboclinho João dar banho às alimárias, barreiro bem pequenininho, tive ocasião de constatar. Bem por perto estaria a umarizeira que ele, em vão, tentou mostrar para minha irmã Raimundinha, numa das raras revisitas ao antigo lar.

Em ocaso de sua longa vida (pouco, comparada com a longevidade dos patriarcas bíblicos) nosso avô Joaquim experimentou o travo da cegueira (provavelmente glaucoma, o que remete de imediato à temática das águas, represas no ângulo irido-corneano. Perdendo aos poucos a noção de espaço, acontecia de exercitar com freqüência sua incombalida religiosidade, reverenciando as imagens, mesmo que, às vezes, sem querer, o fizesse de costas para o santuário... *Sancta simplicitas*.

Não tenho mais dúvidas, examinando as biografias destas quase quatro centenas de descendentes das Águas Livres, reponta de longe o espírito de religiosidade como a nota mais forte, espécie de tatuagem indelével no caráter dos Fonteles. Em certos casos costumo dizer que só um transplante de medula apartaria esta singular característica da identidade da nossa família. Pode-se entrevê-la no pólo privativo da indiferença religiosa, mas sempre respeitando as convicções alheias. Outras notas poderiam ser acrescidas, como as já mencionadas da fidelidade aos amigos, lealdade à palavra empenhada, a transparência, aliada a esta outra bem singular: preocupação com o futuro. No caso de Antônio Avelino, seu pai parece não ter atentado muito para isso, liberando-o para um viver tão atribulado como o da militância política.

Em detalhes, estas imagens, autênticas experimentações do dom da vida, marcam presença, arrisco-me a avançar até na nossa estrutura gênica. E aqui chego ao ponto: investigação genealógica não é somente hobby de diletantes esquisitos. O 3º milênio está às portas. Cientistas americanos se empenham no preparo de um grande presente inaugural: o mapa do genoma humano. Depois de dois mil, certamente, os ensaios genealógicos exibirão respaldo genético e os brasões heráldicos se desenhem, talvez, menos pelos símbolos e mais na cromatografia dos próprios DNA's.

É verdade que a dimensão aprendida do homem aparece maior e mais dominante, mas as bases físicas (biológicas) lastreiam de tal modo os alicerces da personalidade que, sem elas, é praticamente impossível superestruturar coisa alguma. Como diz Rubens Alves: "Assim como o trapezista ao se lançar sobre o abismo, abandonando todos os pontos de apoio...", concluí-

mos, de bom grado, este ensaio, esperando ter contribuído com nossa gotinha dágua (e esperando que outros o façam), para formular o perfil da família que, embora simbolicamente fluído pelas aguas jorradas no "fontelo" de Meixomil-Portugal, tem mostrado, em quase 3 séculos de participação na vida cearense, uma consistência granítica, digna dos alicerces da casa grande da Fazenda Águas Livres.

Fortaleza, 18 de abril de 1994.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Francisco de Assis Vasconcelos - Genealogia Sobralense: "Os Arrudas". 2ª ed. Fortaleza, CE, IOCE, 1987.

ARAÚJO, pe. Francisco Sadoc de - Cronologia Sobralense. Fortaleza, Gráfica Editorial Cearense. 1974.

CAMPOS, Eduardo - A Fortaleza Provincial: Rural e Urbana. Fortaleza. Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto. 1988.

NOBRE, Geraldo da Silva - Tibúrcio Rodrigues. A Imprensa e a República. Fortaleza. Secretaria de Cultura e Desporto. 1986.

COSTA, Francisco José Lustosa da - Sobral do Meu Tempo. Brasília. Senado federal. 1982.

ARAGÃO, R. Batista - SEFAZ-CE: História. Fortaleza. IOCE. 1993.

BUTLER, Alban. 1711-1773. - Vida dos Santos de Butler/Apresentação do Cardeal Basil Hume (Arcebispo de Westminster). Tradução de Attilio Brunetta. Edição completa org. rev. e ampl. por Herbert J. Thurston e Donald Attwater. Petrópolis. RJ. Vozes. 1993.

MENEZES, Antônio Bezerra de - Província do Ceará. Notas de Viagem (parte do Norte). Fortaleza. Econômica. 1889.

O MUNICÍPIO DE SANT'ANNA: Um pouco de História sobre o Ceará (1608 a 1738). Origem do município de Sant'Anna. Dados históricos de 1738 a 1881. Sobral. Correio da Semana. 1926.

LIMA, Geraldo de Oliveira - A Passagem da Coluna Prestes pelo Estado do Ceará. Rio de Janeiro. 1991.

FERREIRA, Benedito Genésio - A Estrada de Ferro de Baturité: 1870-1930. Projeto História do Ceará. Política, indústria e trabalho - 1930-1964. Fortaleza. Edições Universidade Federal do Ceará/Stylus Comunicações. 1989.

NOBRE, Geraldo da Silva - O Processo Histórico de Industrialização do Ceará. Fortaleza. SENAI/DR-CE - Coordenadoria de Divulgação. 1989.

CASCUDO, Luis da Câmara - O Marquês de Olinda e seu Tempo. Companhia Editora Nacional. S. Ed. 1938.

RIOS, Audifax - Acontecências.